

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA

PRÓ-REITORIA DE PÓS - GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Mestrado

**SER HUMANO/NATUREZA: a contribuição do *caving* na
promoção da qualidade de vida**

Formatado: Fonte: 16 pt

Autora: Marilda Teixeira Mendes
Orientador: Dr. Francisco José Andriotti Prada

BRASÍLIA

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARILDA TEIXEIRA MENDES

**SER HUMANO/NATUREZA: a contribuição do *caving* na promoção da
qualidade de vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Católica de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Dr. Francisco José Andriotti Prada

Brasília – DF
2008

Dissertação de autoria de Marilda Teixeira Mendes, intitulada “**SER HUMANO/NATUREZA: a contribuição do *caving* na promoção da qualidade de vida**”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física da Universidade Católica de Brasília, defendida e aprovada, em 18 de novembro de 2008, pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Francisco José Andriotti Prada
Orientador

Prof. Dr. Ricardo Jacó de Oliveira

Profa. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio

Brasília
2008

|

Dedicatória

Dedico todos os meus esforços a minha família. Espero que cheguemos mais distante ainda. Vocês são muito importantes na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela oportunidade do estudo em minha vida.

Ao Prof. Dr Francisco José Andriotti Prada, pela dedicação e competência com que conduziu a orientação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Ricardo Jacó de Oliveira, agradeço pela oportunidade de prosseguir meus estudos, demonstrando confiança e dedicação, que notadamente contribuiu para meu crescimento pessoal.

A Profa. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio pela rigorosa contribuição à escrita da dissertação que contribuiu para o meu crescimento profissional.

Ao meu amigo Alex Fabiane de Brito Torres, por ser o companheiro que é, e por ter sempre acreditado em mim, dando-me conselhos para que eu pudesse ter bons motivos para seguir adiante nessa batalha.

O que dizer a você, Michela Abreu Francisco Alves? Minha grande e eterna amiga. Um muito obrigado é pouco. Espero estar sempre à altura do seu carinho e amizade. Um trilhão de obrigados a você, minha grande e fiel amiga.

Aos colegas das Ciências Básicas do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo apoio e empurrões.

À direção do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais, pela compreensão.

Aos integrantes do Espeleogrupo Peter Lund - EPL. O que dizer desse grupo? Um muito obrigado pela paciência, atenção e ensinamentos compartilhados durante essa jornada.

Aos meus colegas de turma e amigos, Beto, Cíntia e Dédima pelos gratificantes momentos.

Às professoras Nanci França e Adriana Giavoni. Obrigada pela dedicação, amizade e profissionalismo.

À professora Gislaine. Obrigada pelo incentivo e pela sua alegria, que sempre me contagiavam nas horas mais difíceis.

À Ângela Mérici, pelo carinho e pelas calorosas acolhidas em sua casa, em BH.

À Sociedade Excursionista e Espeleológica - SEE de Ouro Preto, pelo apoio didático.

A Jarbas e Ricardo, que, voluntariamente envolveram-se nessa pesquisa.

Às cavernas do norte de Minas Gerais. Pelas suas majestosas formas, possibilitaram-me entender o fascínio do ser humano por ela.

Aos meus sobrinhos Ana Paula e Wallace, pelo sorriso e pelo abraço que me contagiavam.

À minha irmã Nice, que sempre apoiou e participou das minhas conquistas.

Aos meus irmãos Fabrício, Clarice e Marília pelo apoio durante essa jornada.

À minha mãe, por sua fé e por investir em mim com seu amor. Obrigada!

Ao meu pai, por sempre acreditar que a melhor forma de o ser humano mudar o rumo da sua vida é por meio de estudos. Obrigada!

Aos funcionários Sabrina e Weslen, da Secretaria de Pós-Graduação da Universidade Católica de Brasília, pela atenção e carinho a mim dedicados no exercício de suas atividades.

|

|

“A natureza é bela porque é simples”.

Lao Tzu

RESUMO

O *caving*, enquanto atividade prática realizada em caverna, proporciona ao corpo um bem-estar corporal. O presente estudo teve como objetivo analisar a contribuição do *caving* na melhoria da qualidade de vida dos integrantes do Espeleogrupo Peter Lund - EPL, por meio da relação ser humano/caverna. A justificativa para a realização desse estudo ocorre em função da existência de poucos estudos no Brasil sobre a relação *caving* e qualidade de vida. A metodologia utilizada foi uma combinação de pesquisa bibliográfica e de campo. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas a observação participante e a entrevista semi-estruturada. Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que possibilitou obter indicadores, os quais contribuíram para a sistematização das seguintes variáveis: significado da caverna; significado do *caving*; motivos para a prática do *caving*; relação ser humano/caverna e sentidos corporais presentes no *caving*. Esses indicadores se vinculam à melhoria da qualidade de vida. Os sujeitos deste estudo foram dez integrantes pertencentes ao EPL, praticantes do *caving*, de ambos os gêneros, ocupantes de diferentes categorias profissionais, levando-se em conta a representatividade e a acessibilidade. Evidenciou-se que a prática do *caving* implicou na melhoria da qualidade de vida dos integrantes do EPL, por meio de vários benefícios: sentidos corporais; à existência de um cansaço bom; à paz, à tranquilidade, à harmonia, ao lazer, à sociabilidade, à religião e à emoção. O *caving* é uma atividade prática de caráter primordialmente sensorial, que promove a interação do praticante com a caverna.

Palavras-chave: Caverna; *Caving*; Qualidade de Vida; Corpo; Natureza.

ABSTRACT

Caving, as a practical activity performed in a cave, leads to body wellness. The aim of the present study was to analyze the contribution of *caving* in improving life quality of the components of Espeleogrupo Peter Lund - EPL, through the relationship human being/cave. The reasons for performing this study are based on the small number of studies in Brazil that address the relation between *caving* and life quality. The methodology used was a combination of literature and field research. As an instrument for data collection, there were performed participant observation and semi-structured interviews. For data analysis, it was applied the technique of content analysis, which allowed for achieving indicators that contributed in the systematization of the following variables: meaning of cave; meaning of *caving*; reasons for *caving* practicing; relationship human being/cave and body senses present in *caving*. These indicators are associated to life quality improvements. The participants of this study were ten components of EPL, *caving* practitioners, of both genders, from different professional categories, considering representativeness and accessibility. It was evidenced that *caving* practicing implied in improvements in the life quality of the components of EPL, through many benefits: body senses; the existence of a good tiredness; peace; calm; harmony; leisure; sociability; religion and emotion. *Caving* is a practical activity with a primarily sensorial character, which promotes the interaction of the practitioner with the cave.

Key-words: Cave; *Caving*; Life Quality; Body; Nature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFAN - Atividade Física de Aventura na Natureza

CECAV - Centro Nacional de Estudo e Proteção e Manejo de Cavernas

EPL - Espeleogrupo Peter Lund

MG - Minas Gerais

ONG - Organização não Governamental

OMS - Organização Mundial da Saúde

SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia

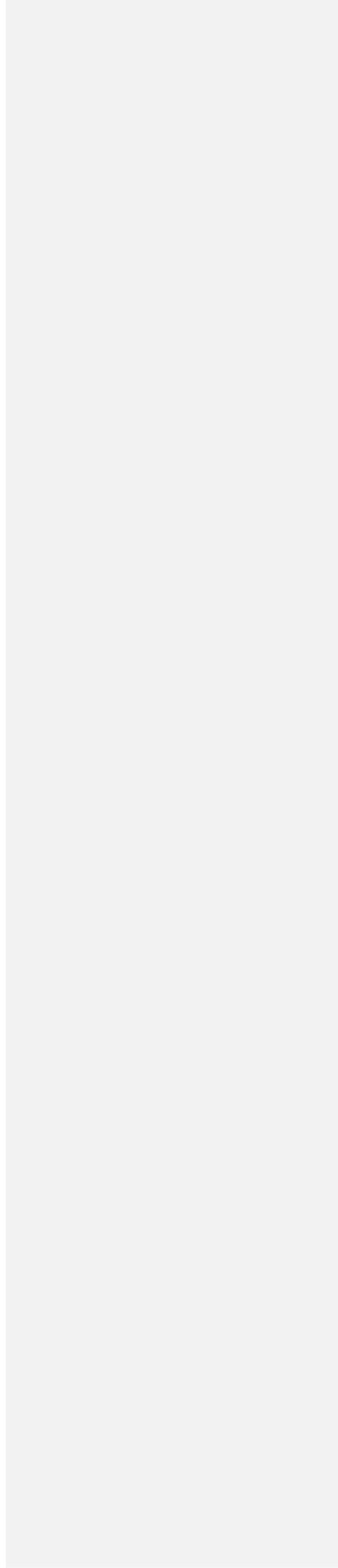
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|---------------|
| Figura 01 - Lapa Claudina - Espeleotema coluna..... | 189 |
| Figura 02 - Lapa Claudina - Escorrimento de calcita..... | 19 |
| Figura 03 - Lapa Claudina - Represa de travertinos..... | 19 |
| Figura 04 - Lapa Claudina - Ninho de pérolas..... | 20 |
| Figura 05 - Lapa D'água - <u>E</u> entrada da lapa..... | 412 |
| Figura 06 - Lapa D'água - <u>E</u> entrada da lapa..... | 423 |
| Figura 07 - Lapa D'água - <u>E</u> stalactites e cortinas..... | 445 |
| Figura 08 - Lapa D'água - <u>S</u> alão cheio de espeleotemas..... | 445 |
| Figura 09 - Lapa Pintada - <u>P</u> parede do abrigo..... | 456 |
| Figura 10 - Lapa Pintada - <u>P</u> pinturas rupestres..... | 456 |
| Figura 11 - Lapa Claudina - <u>C</u> orredor labiríntico..... | 467 |
| Figura 12 - Caverna do Peruaçuinho..... | 478 |
| Figura 13 - Caverna do Peruaçuinho - Solidariedade na travessia..... | 539 |
| Figura 14 - Caverna do Peruaçuinho - Presença da religiosidade..... | 62 |
| Figura 145 - Caverna do Peruaçuinho - Lapa Claudina - emoção..... | 5964 |
| Figura 156 - Lapa Claudina - Salão perdido da Lapa Claudina - | 605 |
| Figura 16 - Caverna do Peruaçuinho - Presença da religiosidade..... | 61 |

Formatado: Realce

Formatado: Não Realce

SUMÁRIO



| | |
|---|-----|
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES | |
| LISTA DE ABREVIATURAS | |
| RESUMO | |
| ABSTRACT | |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA..... | 16 |
| 2.1 Caverna..... | 16 |
| 2.1.1 Por que explorar as cavernas?..... | 21 |
| 2.2 Espeleologia..... | 24 |
| 2.3 <i>Caving</i> | 26 |
| 2.4 Motivação..... | 27 |
| 2.5 Sociabilidade..... | 30+ |
| 2.6 Qualidade de vida..... | 32 |
| 2.7 Corpo: sensações, sentidos corporais e emoções..... | 34 |
| 3 METODOLOGIA..... | 38 |
| 3.1 Tipo de estudo..... | 38 |
| 3.2 Procedimentos..... | 38 |
| 3.3 Delimitando o universo da pesquisa..... | 39 |
| 3.4 Cuidados éticos..... | 40 |
| 3.7 Caracterização das cavernas/lapas observadas..... | 40 |
| 4 Resultados e Discussão..... | 50+ |
| 5 Conclusão..... | 667 |
| REFERÊNCIAS..... | 69 |
| APÊNDICES..... | 74 |

1 INTRODUÇÃO

O ser humano passa grande parte de sua existência tentando compreender a sua origem, o seu destino, a sua finalidade no mundo, recorrendo à natureza para atingir os seus objetivos (COSTA, 2000). Desde os primórdios da evolução do homem, as atividades físicas de aventura na natureza se fazem presentes. Desde a era primitiva, a relação ser humano/natureza propiciou a prática das atividades físicas em meio natural, entendidas de diferentes maneiras com o passar do tempo. É nesse momento que começa a surgir uma variedade de práticas físico-esportiva (EXTREMA e EXTREMA, 2003).

Conforme Bruhns (1997), constata-se um aumento crescente na procura por certas atividades, como o montanhismo, o mountain bike, o campismo, dentre outros. O Brasil apresenta um grande número de parques e de reservas ecológicas, ambientes propícios à realização dessas atividades, o que propicia a procura constante de adeptos. Bruhns (1997a, p. 90) destaca que “talvez a opção pelos denominados esportes de aventura, possa ser traduzida através do desejo de uma reconciliação com a natureza, expressa numa experiência antes nunca vivenciada”.

O interesse pelas práticas de aventura na natureza¹ no mundo é crescente. No Brasil, verifica-se a mesma tendência. Para ilustração, em conformidade com a *Adventure Fair*², houve um aumento significativo (mais de 100%) entre o número de visitantes desse evento, comparando-se os anos de 1999 e 2002.

Essas práticas de aventura na natureza, como o *caving*, o *trekking*, o *rafting*, a escalada, o *cascading*, o *mountain bike*, o rapel, a corrida de aventura, entre outras, têm aumentado bastante, principalmente nessa última década, cujo campo principal de manifestação tem sido o lazer. Alguns autores, como Bruhns (1997; 1999; 2003); Fernandes (1998); Camacho (1999); Lacruz e Perich (2000); Marinho (2001; 2003); Tahara e Schwartz (2003) e Le Betron (2006), destacam que a busca por essas práticas se dá em função da crise social que o ser humano vive atualmente e o seu desejo de romper com o cotidiano, principalmente vinculado aos grandes centros urbanos.

A busca pelas práticas de aventura na natureza vem crescendo nas últimas décadas, devido a diversos fatores, como as características da sociedade atual. Esse fato ocorre principalmente em culturas ocidentais, onde, cada vez menos, o ser humano tem contatos com a natureza. Assim, vê-se obrigado a controlar as suas emoções e os sentidos corporais, devido

¹ Adotou-se a definição de natureza segundo Carvalho (1994, p. 26), “exprime uma totalidade, em princípio abstrata, que os homens concretizam na medida em que preenchem com suas visões de mundo”.

² *Adventure Fair*: é a maior feira de esportes de aventura e ecoturismo da América Latina. Acontece anualmente na cidade de São Paulo, entre os meses de agosto e setembro.

a modelos impostos pelas sociedades em que vive. Fernandes (1998) admite que o ser humano sempre procurou práticas que envolvessem aventuras, desafios e vertigem. Em conformidade com essa autora, essas práticas sempre existiram.

O crescimento da procura por práticas de aventura na natureza contou com a contribuição dos meios de comunicação, dos equipamentos de segurança, dos recursos empregados, da busca pelo desconhecido e principalmente da interação do ser humano com a natureza, promovendo a melhoria da qualidade de vida diária.

Os estudos evidenciam que as práticas de aventura na natureza promovem a melhoria da qualidade de vida, que é fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano.

Há muitos anos atrás, o homem relacionava-se com as cavernas, por diversos motivos: ora como moradia, ora cultuando, ora refugiando-se no seu interior. O homem pré-histórico, por exemplo, buscava as cavernas com o objetivo puramente subsistencial (LINO, 1989; MARRA, 2001; AULLER *et. al.*, 2001). Com o passar dos tempos, esses motivos mudaram, podendo ser percebidos na atualidade, com o crescente aumento de interesse pela prática do *caving*.

O *caving* é uma atividade contemplativa que permite o deslocamento do ser humano no ambiente de caverna, propiciando ao praticante realizar atividades de forma individual ou coletiva, com a utilização de equipamentos próprios da espeleologia. Essa atividade pode ter objetivos esportivos ou recreativos.

O *caving* proporciona ao ser humano vivenciar experiências, por meio de um envolvimento intenso com o ambiente cavernícola, objetivando a descoberta e a contemplação do ambiente cavernícola. Há também a aventura, quando o praticante depara-se com os obstáculos naturais existentes e vislumbra a possibilidade de experimentação de emoções intensas e diversas.

Especificamente quanto ao *caving*, no Brasil, percebe-se que há uma procura significativa por essa prática de aventura na natureza, por parte de pessoas de diferentes faixas etárias. No entanto, constata-se a existência de poucos estudos, na literatura corrente, sobre o *caving*. Essas investigações são recentes: a maioria concentra-se nos anos 2000, e limita-se à análise de atividades pontuais e da relação entre a espeleologia e o esporte.

O objetivo geral deste estudo foi analisar a contribuição do *caving* na melhoria da qualidade de vida dos seus praticantes, por meio da relação ser humano/caverna. Para tanto, investigou-se o Espelegrupo Peter Lund, uma Organização não Governamental - OnG, com sede em Montes Claros - Minas Gerais, pioneira em atividades espeleológicas e prática do *caving* no Norte de Minas Gerais

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Caverna

Não se visitam cavernas impunemente. Ali tudo é diferente, belo e novo. Como uma das últimas “fronteiras” de nosso planeta, pode-se ainda experimentar o prazer incomum de penetrar em recantos onde nenhum outro ser humano adentrou e seguir, sem pegadas, à frente.

Nesses mundos de silêncio e de trevas, não há estações do ano, a vegetação superior inexistente por falta da luz solar e o próprio tempo parece fossilizar-se. Um lugar onde é tanto o silêncio, que nosso cérebro, com seus irrequietos neurônios, faz-se ouvir como se fosse uma fábrica, fabricando sonhos.

Ali, nossa imaginação é pequena perante os belos e intrincados cristais de pedra que imitam flores e crescem em todas as direções; perante animais albinos e cegos que vencem todas as hostilidades do meio: é a vida insistindo mesmo onde a luz desistiu de chegar. Tudo isso se expõe além dos grandes pórticos ou de simples e estreitos orifícios na montanha. Assim, pela sensibilidade, pela curiosidade científica, pela atração da beleza, somos contaminados inevitavelmente pelo chamado “vírus espeleológico”, uma espécie de febre benigna, que apresenta entre seus sintomas a necessidade de conhecer novas cavernas, (...) e divulgá-las contaminando, assim, mais e mais pessoas (LINO, 1989, p. 11).

As cavernas são formadas quando os rios ou lagos subterrâneos vão dissolvendo e escavando a rocha, transformando-se com o passar dos tempos em grandes salões. Lino³ (1989), caracteriza caverna como qualquer cavidade rochosa natural e penetrável pelo ser humano. Para o autor, as cavernas são fenômenos por vezes efêmeros, na dinâmica da crosta terrestre: “O termo caverna provém do latim *cavus* que significa buraco, correspondendo a *cave* ou *cavern* em inglês” (LINO, 1989, p.95).

Para esse autor, as cavernas podem ser divididas, quanto ao tamanho e quanto à profundidade. Em relação à morfologia, Lino (1989) classifica as cavernas como:

- a) abrigo sob rocha: cavidades pouco profundas, abertas largamente em paredes rochosas, que servem de abrigo contra as intempéries;
- b) tocas: cavidades cujo desenvolvimento horizontal não atinge os 20 metros;
- c) grutas: cavernas com desenvolvimento predominante horizontal, maior que 20 metros;
- d) fosso: caverna predominantemente vertical, com desnível inferior a 10 metros;

³ Ao fazer referência ao livro de Clayton Ferreira Lino, intitulado *Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo*, destaca-se a importância desse livro, que reúne resultado de pesquisas, observações e leituras ao longo de quinze anos de dedicação ao estudo da espeleologia. Para realizá-lo, o autor visitou a maior parte das províncias espeleológicas brasileiras, mais de cem cavernas distintas, no período de dois anos (LINO, 1989). Esse livro apresenta a cultura, a história, os conceitos, a classificação, a evolução e a legislação sobre as cavernas, contendo mais de 200 fotos. O livro, bilíngüe português/inglês, é considerado *best-seller* por muitos estudiosos na área da espeleologia.

e) abismo: caverna predominantemente vertical, com desnível igual ou superior a 10 metros e diâmetro de entrada menor que o seu desnível.

Os sinônimos de caverna são inúmeros e característicos em cada região do país. Os termos comuns usados no sudeste e no nordeste brasileiro são “grutas e lapas”, que não aplicam-se em outras regiões, como no norte e sul do Brasil. No Norte de Minas Gerais, a denominação mais comum é “lapa”, mas, em algumas regiões, há nomes como “gruna” e “Sumidô”, quando da existência de minadouros ou nascentes (ASSIS, 2003). No Norte de Minas Gerais, principalmente no Município de Montes Claros - MG, as cavernas são denominadas de “lapas”.

Para Mello e Faria (2007), as cavernas são consideradas aqueles espaços formados em decorrência de fenômenos naturais. As autoras afirmam que as regiões calcárias normalmente são as que determinam à formação das cavidades subterrâneas, ou seja, regiões compostas por carbonato de cálcio, que, em contato com o ácido carbônico, proveniente das águas com suficiente teor de ácidos, é facilmente dissolvido. Dessa forma, a dissolução do calcário faz com que a rocha vá, aos poucos, dissolvendo-se. Com a dissolução da rocha, abrem-se inúmeras fendas, aberturas que vão aumentando, na medida em que a água passa e nelas penetram, gerando um grande vazio, ou seja, uma cavidade.

As cavernas são, em outras palavras, espaços formados necessariamente por processos naturais, penetráveis pelo ser humano, com um patrimônio espeleológico determinado, ou seja, próprio.

Nas cavernas calcárias do município de Montes Claros no norte de Minas Gerais, como a Lapa Grande, a Lapa D'água, a Lapa Pintada, a Lapa Claudina, a Lapa da Santa e o Vale do Peruaçuzinho, visitadas durante este estudo, as formações mais comuns de espeleotemas⁴ encontradas são estalactite, cortina, estalagmite, coluna, escorrimento de calcita, represas de travertinos, pérolas. Esses espeleotemas podem ser definidos como:

- a) estalactites: são espeleotemas complexos de gotas de cristais de calcita, que vão crescendo de forma vertical, dando origem a um anel cristalino, em sentido decrescente. São inúmeras as nervuras. As mais comuns são as tubulares e ocas (LINO, 1989; BECK, 1999);
- b) cortinas: são formas bidimensionais das estalactites, originando-se a partir de gotas d'água e cristais de calcita em paredes ou em tetos inclinados. A gota dessa solução aquosa escorre

⁴ Os espeleotemas são deposições minerais em cavernas formadas basicamente por processos químicos de dissolução e precipitação, o que lhes dá, via de regra, caráter mais permanente ou estrutural. A existência de alguns espeleotemas formados por processos puramente físicos não altera a predominância dos processos químicos na formação da maioria desses depósitos. O termo espeleotema foi criado por Moore (1952) e tem sua origem no grego *spelaiou* (caverna) e *thema* (depósito) (LINO, 1989, p. 124).

pelas superfícies, formando habitualmente formas delgadas, onduladas, penduradas em dobras verticais, como uma cortina (BECK, 1999);

c) estalagmite: é a forma inversa da estalactite, ou seja, há um gotejamento que cai da estalactite ou teto em direção ao chão, onde cresce em montículos. Esse crescimento se dá verticalmente e ascendente, a partir do solo (LINO, 1989; BECK, 1999);

d) colunas: são espeleotemas, onde o seu crescimento oposto da estalactite e da estalagmite faz com que esses espeleotemas, muitas vezes, se unam, originando a coluna (LINO, 1989; BECK, 1999).

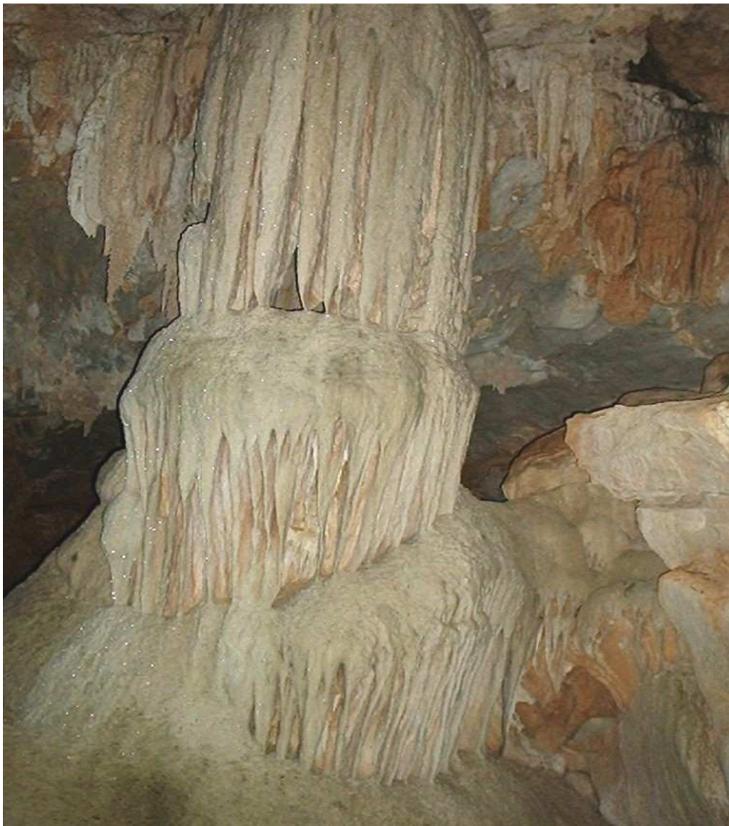


Figura 01: Lapa Claudina - Espeleotemas Coluna

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Marilda T. Mendes, 2007.

e) escorrimento de calcita: é um revestimento cristalino, derramado sobre um degrau e recobrendo a parede. Esse revestimento, geralmente, é de aspecto brilhante, devido a minúsculos cristais, que, refletindo na presença de luz, justificam o nome chão de estrela (BECK, 1999);



Figura 02: Lapa Claudina - Escorrimento de Calcita
Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Marilda T. Mendes, 2007.

f) represa de travertinos: são barragens naturais de gotas de calcita de sucessões de escorrimento, agrupados, formando lâminas sinuosas e ondulares (BECK, 1999);



g) pérolas ou pisólitos: a origem da pérola se deve ao gotejamento dentro das poças ou ninhos de pérolas que movimentam continuamente as partículas existentes - areias, detritos soltos e cristais, impedindo-as de se unir no fundo do ninho (BECK, 1999).



Figura 04: Lapa Claudina - Ninho de Pérolas
Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Marilda T. Mendes, 2008.

Calisto (2006), ao investigar a caverna, admite que o lugar estabelece relações de vínculos de pertencimento em que é mantida a conversão de espaço em lugar. Quanto mais o indivíduo atribui significado e importância ao ambiente, sentindo-se inserido nele, recheando-o com uma variada gama de intenções e de transformações, tanto de caráter prático e objetivo, quanto no sentido da subjetividade, emoções e sentimentos, mais esse ambiente se converte em lugar.

Por sua vez, Tuan (1985), salienta a importância do lugar em uma dimensão que estende-se até a integração da experiência humana como fator relevante na compreensão do espaço. Para esse autor, o “[...] espaço torna-se um lugar intensamente humano” (TUAN, 1985, p.149), considerando a “[...] natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar” (TUAN, 1985, p. 150). Essa incorporação da concepção da experiência humana permite às pessoas melhor compreensão do comportamento humano e como elas se sentem em relação aos seus lugares de vivências.

Lê Bret (1995), argumenta que jamais alguém deixará de sensibilizar-se, ao visitar uma caverna, seja pela beleza, seja pelo temor, seja pelo desafio de vencer os obstáculos que ela nos apresenta ao homem. O autor concebe a caverna como um mundo sobrenatural, mágico, místico, mundo natural, intocável, majestoso, mundo estranho, complexo, dinâmico.

Séculos, milênios, milhões de anos se passaram para que ela se apresentasse aos homens, com suas formas únicas, com um misto de realidade e fantasia.

2.1.1 Por que explorar cavernas?

O ato de explorar cavernas vem de muito tempo atrás. Desde o século XIX, muitas das cavidades naturais subterrâneas existentes no Brasil receberam empenho de inúmeros europeus, viajantes que aqui estiveram e especialistas em história natural, que reconheceram a importância do vasto e rico patrimônio espeleológico do território brasileiro, motivo ideal para a realização de suas expedições, conforme destaca Marra (2001).

Segundo Lino (1989), a história humana não pode ser contada sem referir-se às cavernas. A relação do homem com esses ambientes é quase tão antiga quanto sua própria história, uma relação de importância fundamental na evolução de conceitos, sensações e sentimentos universais que definem o homem como ser cultural. O autor afirma que, no ambiente de cavernas, o ser humano encontrou um dos seus primeiros abrigos e seus mais antigos santuários, onde o sagrado e o profano podiam conviver.

Ao referir-se ao ambiente de caverna, Lino (1989) considera que, em todo o globo terrestre, abrigos e cavernas protegeram o ser humano das condições impostas pelo mau tempo e pelos animais: “[...] piso, paredes e teto; entradas, corredores e compartimentos; espaço para o fogo, para o descanso e para o trabalho – tudo isso, conforme demonstram as pesquisas arqueológicas⁵, já existia nessas primeiras moradias”.

Em seu estudo, Lino (1989) destaca a influência da caverna na arquitetura. Esse autor admite que foi na arquitetura sacra que as cavernas tiveram a sua maior influência. O estilo gótico, assim também como o barroco, receberam das cavernas influência direta. Essas influências podem ser percebidas por meio dos portais, das ogivas, das colunatas e dos pináculos. As catedrais representam formas que a natureza esculpiu nas cavernas. O autor considera que a igreja reproduz a mesma aparência do ambiente da caverna, com a penumbra, a grandiosidade, a riqueza dos brilhos e o profundo silêncio que exercem fascínio, exigem respeito e levam à reflexão.

Para esse autor, a atmosfera sacra e misteriosa das cavernas também serviu como inspiração de lendas e de mitos na cultura dos mais variados povos. São infindáveis as

⁵ Arqueologia é a ciência que corresponde ao estudo das relações históricas e pré-históricas do ser humano com a caverna (LINO, 1989).

divindades e personagens míticas associadas às cavernas que povoam as culturas gregas, romanas, maias, hindus e persas, bem como o folclore de todo o mundo.

Lino (1989), considera a representação das cavernas como um esconderijo seguro, associado aos foragidos, bandidos de toda a ordem. Esse autor afirma que, no mundo subterrâneo das cavernas, há uma relação dialética entre o bem e mal; monstros e fadas; facínoras e heróis; deuses e diabos; dia e noite; luz e trevas. Por isso, na sua discussão, várias cavernas existentes no Brasil são nomeadas, como a do Diabo, em São Paulo; o Buraco do Inferno, em Minas Gerais; a das Fadas, no Paraná; a de Bom Jesus, na Bahia, e tantas outras cavernas no Brasil e no mundo.

Esse autor destaca que a beleza esmagadora e fascinante de flores de pedra, colunas e cascatas no fundo desses antros escuros, para uns, é a prova absoluta da onipresença de Deus; enquanto, para outros, é o testemunho da oculta destreza de um diabo artesão.

Já para Assis (2003), as cavernas têm sido exploradas como fonte de matéria-prima e de riqueza. Segundo esse autor, a primeira exploração comercial começou nos séculos XVII e XVIII, em Minas Gerais, com a exploração do salitre, que, na época, era utilizado para a fabricação da pólvora, adicionada ao enxofre, ao carvão, ao calcário, à prata e ao chumbo. Para o autor, a descoberta de inúmeras cavernas no Norte de Minas Gerais, que possuem importantes minas de salitre, é decorrente dessa atividade.

Como decorrência dessa atividade comercial de exploração⁶ de caverna, surgiu outro tipo de exploração, que é a visitação, objetivando lazer, turismo e esporte.

A visitação turística à caverna representa atrativos de alto valor, não apenas pela contemplação da beleza interior, dimensões de seu espaço e ornamentação, mas pelo mistério e aventura que a caracterizam (LINO, 1989). A experiência de visitar uma caverna desperta a curiosidade e a sensação de exploração em cada um que se lança com esse propósito. A aventura se reflete em benefício direto à sociedade, devido ao interesse de jovens e de adultos, pois, onde em cada passagem, em cada volta por esses espaços naturais, desfruta-se de uma nova visão e, a cada passo, a uma diferente e nova perspectiva⁷.

Infelizmente, constata-se que, nos dias atuais, a exploração turística tem sido realizada, muitas vezes, de forma predatória. Entretanto, o Centro Nacional de Estudo e Proteção e Manejo de Cavernas (CECAV) cuida do licenciamento das cavernas e da educação ambiental de seus visitantes. O CECAV vem trabalhando principalmente com a proteção das cavernas brasileiras contra a depredação, o turismo mal planejado, as minerações e o

⁶ Quando há a referência à exploração, entenda-se a descoberta.

⁷ NCA – National Caving Association – site: <http://www.cavern.com.br/cavern/why.htm> (MARRA, 2001)

desmatamento no entorno, que afetam, sobretudo, os cursos d'água, formadores das cavernas⁸. Há uma preocupação, por parte do CECAV, em relação ao turismo em caverna como uma opção de desenvolvimento sustentável.

Geralmente, os espeleólogos dedicam-se à exploração, à topografia e ao mapeamento de caverna, utilizando equipamentos e técnicas de escalada, *trekking* e mergulho para explorar galerias e salões desconhecidos, bem como mapear o relevo subterrâneo de determinadas cavernas.

Uma vez mapeadas, definido o croqui e conhecendo a caverna, ela pode ser explorada para a prática do esporte de aventura e do turismo.

É importante para quem visita uma caverna, independente do motivo, que a pessoa tenha conhecimento básico de espeleologia, para que possa entender como funciona o ambiente cavernícola, ou seja, como funciona a dinâmica da caverna, para que as visitas não interfiram na beleza, na compactação do solo e no clima desse ambiente.

A relação do ser humano com a caverna vai além de abrigo, de sobrevivência e de auto conhecimento. Hoje, há também uma relação de proteção, de preservação da natureza, de preservação da história e da cultura desse ambiente. Embora, em alguns lugares, haja aventureiros e competidores que visam somente ao prazer.

Um ambiente é compreendido quando se conhece sua gênese, a dinâmica passada e atual de suas formas, a sua relação com os demais ambientes que o cercam, os seres que o habitam, as relações de interdependência deles com o meio físico, com a história da região, com a ocupação humana, com as sociedades que dele dependem e com as conseqüências futuras das intervenções que venham a acontecer. Entretanto, a análise de um ambiente não depende somente de um estudo de Ciências da Terra, mas de um trabalho interdisciplinar (AYUB e BECKER, 2007).

Sobre o aspecto multidisciplinar da espeleologia, cabe à espeleologia estudar o meio subterrâneo, abrangendo todos os aspectos que envolvem esse meio, como históricos, abióticos, biótico, social, e também procedimentos de técnicas para a exploração turística, o resgate e o mergulho, que é específico do ambiente cavernícola.

Então, vale aqui um parêntese. A caverna é um

[...] mundo que protege a vida geológica estimada em mais de um milhão de anos. Enfim, um mundo que pergunta: qual o prazer em explorar-me? A resposta só pode aparecer para quem realmente empreender essa conquista, adentrando um novo ambiente, silencioso e totalmente escuro,

⁸Fonte: Disponível <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./ecoturismo/index.html&conteudo=./ecoturismo/artigos/turismocavernas.html>. Acesso: 11 de abril de 2008.

apresentando-se forte pela aparência, mas sendo na verdade um frágil ecossistema, formado geralmente por rochas calcárias recobertas por matas (MENEZES, 2006, p. 37).

2.2 Espeleologia

Os primeiros tratados sobre a espeleologia no Brasil começaram a surgir a partir da segunda metade do século XIX, por intermédio de dois pesquisadores: os naturalistas Peter Wilhelm Lund e Ricardo Krone. Por meio das inúmeras e inéditas pesquisas desenvolvidas em cavernas de Lagoa Santa, em Minas Gerais, e Iporanga, em São Paulo, os mesmos foram paulatinamente sendo reconhecidos com destaque como autoridades no assunto pelas gerações atuais de cientistas espeleólogos, em função de serem os precursores da espeleologia nacional, marcos importantes para a espeleologia brasileira. O trabalho desses pesquisadores era voltado para o estudo e a descoberta de fósseis (AULER; BRANDI e RUBBIOLI, 2001; MARRA, 2001).

A espeleologia, ciência voltada para o estudo das cavernas, surgiu como ciência no século XX, tendo como precursor o estudioso francês Edouard Alfred Martel, considerado o “pai da espeleologia”, que abriu caminho para o desenvolvimento de uma metodologia científica voltada ao estudo sério e disciplinado dos ambientes cavernícolas (MELLO E FARIA, 2007).

No Brasil, apenas em 1937 teve início um estudo sistemático e organizado das cavernas, com a criação da Sociedade Excursionista e Espeleológica, então substituída, em 1969, pela Sociedade Brasileira de Espeleologia, que determinou como objetivo organizar as diretrizes da espeleologia nacional (MELLO e FARIA, 2007).

Diante de tamanha importância para a humanidade, os ambientes cavernícolas passaram a ser estudados como uma ciência própria, denominada de espeleologia. O termo espeleologia provém dos vocábulos gregos *spelion*, que significa cavernas e *logos*, estudo. A espeleologia surge com a principal finalidade de promover o estudo, a observação e a exploração das cavernas, visando sempre à criação de efetivos mecanismos que contribuam para a sua conservação (MELLO e FARIA, 2007).

Segundo Lino (1989, p. 44), várias definições sobre os conceitos básicos da espeleologia surgiram com o tempo, mas coube a Bernard Géze, em 1968, uma das mais abrangentes e sintéticas, a qual ganhou grande aceitação internacional. Segundo Géze, citado por Lino (1989, p. 44), a “[...] espeleologia é a disciplina consagrada ao estudo das cavernas,

sua gênese e evolução, do meio físico que elas representam, de seu povoamento biológico atual ou passado, bem como dos meios ou técnicas que são próprias ao seu estudo”.

Por meio da definição segundo Bernard Gèze, pode-se subdividir essa disciplina em: “[...] espeleologia científica e espeleologia técnica esportiva, entendida a segunda como meio para a primeira, podendo cada uma delas ser subdividida em várias disciplinas específicas” (LINO, 1989, p. 44 - 45).

A espeleologia científica pode-se dividir em espeleologia física ou hidrogeologia cárstica, espeleologia biológica ou bioespeleologia, espeleopaleontologia e antroespeleologia.

Já a espeleologia técnico-esportiva pode ser dividida em: “[...] prospecção e exploração de cavernas (espeleoexploração); espeleodocumentação; espeleológica; espeleologia aplicada e espeleoaventura” (LINO, 1989, p. 44 - 45).

O potencial espeleológico norte mineiro é indiscutível, principalmente o do município de Montes Claros. Estimam-se ocorrências de cento e cinquenta e uma cavidades naturais registradas em instância municipal, conforme os arquivos do Espeleogrupo Peter Lund, jornal Sertão Vivo e o Estatuto do EPL. Dessas ocorrências de cento e cinquenta e uma cavidades naturais, vinte e nove estão inseridas no cadastro nacional⁹ (ASSIS, 2003).

Ao depararem-se com a paisagem cárstica¹⁰, as pessoas ficam maravilhadas com tamanha exuberância e com as peculiaridades e, em outros, é o medo do desconhecido e da escuridão total que toma conta de alguns (AMORIM FILHO e TRAVASSO, 2001). Segundo esses autores, pode-se dizer que as paisagens são aquelas que abrigam as cavernas.

2.3 *Caving*

De acordo com a Associação Brasileira de Esportes de Aventura - ABEA¹¹, a história do *caving* tem sua origem vinculada à história da espeleologia, que, por sua vez, começa com a história do próprio homem.

⁹ Quando há referência ao cadastrado nacional, entenda-se o arquivo da Sociedade Brasileira de Espeleologia.

¹⁰ O termo cárstica pode ser caracterizado pela ausência de muitos rios na superfície. Isso ocorre porque estes rios correm por debaixo da terra, em canais abertos nas rochas, formando as cavernas. Muitas vezes, esses rios, que também podem ser lagos, já não existem mais, deixando então os espaços vazios. É o que se chama de caverna seca. Mas não se deve pensar que uma gruta seca sempre foi assim. Toda gruta surge a partir do lento trabalho da água dissolvendo o calcário. Ou seja, sem a rocha (o calcário) e a água, nunca se teria uma caverna (ASSIS, 2003, p.13).

¹¹ Associação Brasileira de Esportes de aventura - ABEA. *Caving*. Disponível em: <http://www.abea.org.br>, acesso em 07 de dezembro de 2005.

O estudo publicado por Lino (1989) demonstra que a espeleologia técnico-esportiva é a que mais se aproxima do *caving*, devido às suas características. Ela pode ser entendida como meio para espeleologia científica, podendo cada uma delas ser dividida em várias áreas de conhecimento.

O principal significado adquirido da espeleologia para o *caving* pode ser transcrito nas palavras de Lino (1989, p. 45).

Do ponto de vista esportivo uma diferença básica distingue a espeleologia de outros esportes congêneres: nela não se privilegia a competição entre os indivíduos ou grupos, ao contrário, exige a solidariedade e o trabalho de equipe. Não se trata, igualmente, de vencer a natureza, mas suplantar-se a si mesmo, suplantando limites físicos, técnicos e de conhecimento.

Assim, do ponto de vista esportivo, a espeleologia não visa à competição, ao desafio, ou muito menos a vencer a natureza, mas sim ao trabalho em equipe, objetivando o estudo, a observação, a documentação e a contemplação das cavernas (LINO, 1989).

Para Beck (1999), todo esporte tem seu fascínio, mas a espeleologia parece possuir uma mística toda especial. Poucos esportes têm um envolvimento tão intenso com seu ambiente, como a atividade de exploração de caverna [*caving*].

Marinho (2001), por sua vez, define o *caving* como exploração de cavernas, sem a intenção de estudos, visando somente ao descobrimento e à observação.

Munster (2004, p. 145) concebe o *caving* “como uma prática esportiva derivada da espeleologia, consiste na visitação de cavidades naturais para desfrute pessoal ou coletivo, onde prevalece o espírito de interação com o grupo e com o meio natural”.

Na visão da Larsen (2007), a prática do *caving* consiste em descer abismos, explorar fendas estreitas, rastejar por condutos apertados e nadar em rios subterrâneos, procurando descobrir novas galerias e salões.

Segundo Bueno (2007), o *caving* pode ser entendido como uma atividade direcionada para a área técnico-esportiva, sendo uma mutação da área científica que busca a prospecção e exploração de cavernas, por meio da documentação, da fotografia e da logística. É uma mistura entre ciência e esporte de ação. A atividade une a exploração de cavernas, sua pesquisa, documentação e conservação, com as técnicas usadas para seu estudo - mergulho e rapel.

Segundo a literatura corrente, conforme mostra Beck (1999), Marinho (2001) e Munster (2004), Larsen (2007), Bueno (2007), a prática de atividades em ambientes cavernícolas também pode ser entendida como *caving*.

Sobre o ponto de vista espeleológico, a prática do *caving* é o principal instrumento para o trabalho de exploração de caverna. O problema conceitual acerca do *caving*, quer seja nas suas novas adjetivações e definições academicamente estabelecidas, mostra que essa discussão ainda é insuficiente.

2.4 Motivação

A motivação está relacionada às variações de determinados comportamentos e apresenta uma grande importância para a compreensão do comportamento humano. É um estado interno, resultante de uma necessidade que desperta certo comportamento, com o objetivo de suprir uma necessidade. A motivação significa fatores que levam as pessoas a agir ou a ficar inertes, frente a determinadas situações (MURRAY, 1973).

Segundo Murray (1973), a motivação possui dois componentes essenciais: o impulso, que se refere a um processo interno, incitando uma pessoa à ação; e o motivo, que gera comportamento e termina ao ser atingido o objetivo, visando à recompensa, que sacia o incitamento interno do indivíduo.

Cratty (1983), ao analisar a motivação, destaca que “o motivo não é diretamente observável, mas inferido. Ele pode ser dividido em impulso, representando o processo interno que leva a pessoa à ação, e a motivação, a qual termina ou diminui o objetivo de iniciar o impulso”.

Weinberg e Gould (2001), consideram que a melhor maneira de entender a motivação é considerar tanto a pessoa como a situação e o modo como elas interagem diante de uma determinada tarefa.

Para Carnicelli Filho e Schwartz (2005), a motivação pode ser de ordem extrínseca ou intrínseca, no que se refere à atividade física de aventura na natureza. Isso significa que a motivação, na concepção desses autores, pode aparecer de um incentivo interno, como a superação de limites, o alívio de tensões ou a auto-estima, ou até mesmo seguir de um incentivo externo, como um prêmio, um troféu ou a busca pela fama.

Nessa mesma linha de raciocínio, Both e Malavasi (2005), consideram que as teorias motivacionais mostram que um indivíduo pode ter como fonte de suas ações razões internas (intrínsecas) ou externas (extrínsecas). Os motivos intrínsecos são resultantes do próprio desejo do indivíduo, enquanto os extrínsecos dependem de fatores externos.

Davidoff (1983), defende que a curiosidade está relacionada à motivação para explorar e manipular o ambiente, em busca de estimulação sensorial.

Tahara (2004, p.62), em seu estudo sobre “Aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer”, nas modalidades do *rafting*, *rapel*, *mountain bike*, bóia *cross*, *trekking* por trilha e por mata, *canyoning*, arvorismo e corrida de aventura, admite que os motivos relatados para a prática dessas atividades foram: desejo de fuga momentânea do cotidiano urbano, na busca da melhoria da qualidade de vida; gosto por sensações de risco e perigo; desafio pessoal em transpor os obstáculos impostos pela natureza; possibilidade em experimentar novos desejos e emoções, diferentes daqueles proporcionados pela prática atividade física dentro da cidade; desejo em praticar uma atividade que, na maioria das vezes, só os homens participam; curiosidade em vivenciar uma prática nova e que está tão em moda nos dias atuais e possibilidade de melhoria da questão estética.

Para Tahara (2004), o desejo de fuga momentânea do cotidiano urbano, na busca da melhoria da qualidade de vida, está vinculado a uma tentativa de promover melhores níveis de qualidade de vida, aumentando esses níveis, por meio da prática de atividades em contato direto com a natureza, saindo do cotidiano urbano.

Os estudos de Lacruz e Perich (2000), mostram que a busca por atividades em contato direto com a natureza têm como particularidades a possibilidade de conquistar uma vida mais tranqüila e prazerosa, por meio das atividades físicas de aventuras na natureza.

Segundo Serrano (2000), a busca da natureza para o lazer, o descanso e relaxamento, por meio da contemplação ou adrenalina, não pode servir para esquecer a vida, que é marcada pelo cotidiano, e sim para refletir sobre ela.

Tahara e Schwartz (2003, p.2) defendem que “a vivência de atividades intimamente ligadas à natureza “[...] vem tornando-se uma nova perspectiva no âmbito do lazer, no sentido do preenchimento da inquietação humana em busca da melhoria da qualidade existencial”.

Marinho (2007), destaca a existência de um paradoxo nas atividades de aventura, nas quais emergem uma dualidade, pois, por um lado, as pessoas procuram várias formas de estar sempre em segurança e, por outro, buscam expor-se a riscos - ainda que fictícios imaginários e controlados, em atividades de aventura na natureza.

Segundo Costa (2000, p. 101), a vertigem é um componente dos esportes de risco na natureza. Essa autora concebe a vertigem como

[...] uma emoção corporal excitante que consiste na tentativa de desvanecer a realidade, por um instante, infligindo à consciência uma espécie de pânico voluptuoso. Essa emoção é provocada pela altura, pelo deslize, pela alta velocidade. Trata-se de uma espécie de embriaguez gratuita, de atordoamento físico e psíquico acompanhado de um prazer igual ou maior do que um choque. Todo o corpo do sujeito participa; da palidez, da breve sensação de enjôo, do medo vindo das entranhas ao riso descontrolado de

prazer. Poder-se-ia dizer que ele gosta de brincar com seu próprio estado desagradável. Pode-se considerar que todos os esportes com ênfase no deslize (patinação, *streeters*, motocross, esqui, *surf*, vela, *rafting*, canoagem, *windsurf*), na imersão (*base jump*, mergulho livre, mergulho, *snorkeling*), no vôo (balonismo, asa-delta, pára-quedismo), na ascensão (escalada), na descida (espeleologia e rapel) e na exploração (ciclismo, *trekking*, *canyoning*) desfrutam em maior ou menor escala.

Tahara (2004, p.65), ao se referir à presença do risco nas AFAN, afirma que

o risco é inerente ao homem, em qualquer setor da vida humana e não difere em relação à prática, mesmo que de forma lúdica, onde há o cálculo minucioso do perigo. Em se tratando de AFAN, a fascinação pela vertigem extrema em atividades de alto risco parece ser um chamariz para indivíduos que gostam de viver perigosamente, em situações que provocam verdadeiros desafios ao ser humano.

Nesse mesmo sentido, Tahara (2004) discute que, talvez, o gosto pelas sensações de risco presentes nas práticas das AFAN seja mesmo desencadeante de alta procura por tais atividades, as quais se centram na constante superação de limites, na vertigem, enfim, em aspectos ligados diretamente à aventura e ao risco.

Guzzo (2004, p. 2) considera que o conceito de risco está associado a movimentos, a escolhas, à busca pelo novo, trazida pelo modelo capitalista:

Pensar o risco é geralmente pensar o movimento. Movimento caracterizado como ação de qualquer tipo, envolvendo escolhas que possam gerar conseqüências para o indivíduo que as faz. Essa idéia vem colocada à busca desenfreada pelo novo trazida pelo modelo capitalista na modernidade tardia. O risco existe sob a pressão das circunstâncias, na luta pela vida, ambicionando uma maior duração de qualquer uma das fontes de prazer: do tempo, da adrenalina, da queda, da vertigem, do lucro. O maior sucesso está colocado ao maior risco: quanto maior a manobra, o movimento, maior o risco.

Spink (2002) analisa o risco no aspecto aventura. Ela afirma que correr riscos, em todos os sentidos, surge como meio de ser contemporâneo: coragem, adrenalina, medo e movimento. Nesse tipo de risco, a aventura passa a ser envolvida por equipamentos de segurança, equipamentos específicos e constantemente monitorados. O acesso, nesse tipo de modalidade de risco, mantém a tradição do fortalecimento do caráter, ou do mito e do herói. Nesse sentido, o risco é desejado.

Para Gáspari e Schwartz (2002), o contato com a natureza possibilita ao homem expressar-se livremente, resgatando o elemento humano da sua natureza. Essas autoras acrescentam que a vivência da aventura promove o questionamento de modelos socialmente impostos, uma auto-imagem mais clara, um autocontrole, a curiosidade e a individualidade,

que são obscurecidos nas condutas socialmente esperadas. Tudo isso favorece a espontaneidade, em substituição ao que é determinado.

A aventura pressupõe a ruptura com um mundo familiar ou social, a partida para um mundo estranho e o engajamento no desconhecido, indo de encontro a provas de confrontos carregadas de incertezas e riscos. O aleatório e inesperado passam a ser as condições de desafio e de excitação para o praticante (COSTA, 2000, p. 15).

Por outro lado, Thomas (1988, p. 18) afirma que a preocupação com a preservação do meio selvagem não é tão recente. O autor esclarece que:

Foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados, nesse processos. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e às paisagens. O relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido; e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio foi fortemente contestado.

2.5 Sociabilidade

Segundo Magnani (1996), em seu estudo “Quando o campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole”, a cidade oferece lugares de lazer, onde seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e de relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados, por meio das experiências humanas.

O que caracteriza a sociabilidade, para Magnani (1996), são as experiências humanas, são as interações sociais estabelecidas entre as pessoas.

Para Candido (2001), o conceito de sociabilidade está intrinsecamente ligado às relações sociais cotidianas, das quais é possível, por meio de uma comunicação multi-direcional, construir grupos relacionados a temas afins. Em conformidade com o autor, a sociabilidade em um ambiente de caverna pode ser entendida como uma forma de solidariedade, a qual é o elemento integrante da sociabilidade. Segundo Candido (2001), a solidariedade é a necessidade de ajuda. Ela é que determina a formação de uma rede ampla de relações, contribuindo para uma unidade estrutural do trabalho. Para esse autor, a sociabilidade é um aspecto organizador de qualquer atividade ou trabalho em grupo.

Para Santos (1996), a sociabilidade será mais intensa, quanto maior a proximidade entre as pessoas envolvidas em uma atividade. O autor afirma que a comunicação cria os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos.

Estudos sobre a sociabilidade, geralmente, empregam o termo como sinônimo de interação, com caráter de entretenimento, de festas e de informalidades, de conversas agradáveis. Mas é importante entender que a sociabilidade envolve isso e muito mais. Como esclarece Dayrell (2004, p. 11), fundamentado em Giddens, a sociabilidade tem a dimensão de uma “relação pura”, na qual:

[...] um amigo é definido especificamente como alguém com quem se tem uma relação gerada por tudo menos pelas recompensas que a relação oferece. As únicas recompensas são inerentes apenas à relação em si. O que alicerça uma relação pura é o grau de compromisso existente entre os amigos, que é fruto de uma escolha, e não de uma imposição.

Baseado em Giddens, Dayrell (2004, p. 11) destaca um outro aspecto importante, a relação pura que

[...] é a intimidade, uma condição fundamental para uma estabilidade a longo prazo que os parceiros possam vir a atingir. A intimidade, assim como a confiança mútua, é uma conquista realizada a partir da abertura de um ao outro, possibilitando que possam conhecer a personalidade de um e do outro, confiando naquilo que dizem e fazem. A comunicação está na base da conquista da intimidade e da confiança. A amizade, nos termos de uma relação pura, é parte fundamental da vida social, sendo mais essencial ainda no período da juventude.

Marinho (2001), discute a emoção e os compromissos compartilhados na prática das AFAN, onde são verificadas a coragem, a interação grupal, a tomada de decisão e a colaboração.

Villaverde (2003), evidencia que a experiência do coletivo pode ser plenamente vivenciada nas práticas corporais de aventura na natureza, em uma espécie de aventura compartilhada, capaz de gerar um estreitamento dos laços interpessoais entre aqueles indivíduos que buscam se unir para chegar a um fim comum, superar e vencer os obstáculos desafiadores do natural.

2.6 Qualidade de vida

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1995), por meio do Grupo de Qualidade de Vida, The WHOQOL Group (1995), define o termo qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive e em relação aos objetivos, às expectativas, aos padrões e as preocupações.

O termo qualidade de vida é um termo utilizado em duas vertentes: (1) na linguagem cotidiana, por pessoas da população em geral, jornalistas, políticas, profissionais de diversas áreas e gestores ligados às políticas públicas; (2) no contexto da pesquisa, em diferentes campos do saber, como economia, sociologia, educação, medicina, enfermagem, psicologia e as demais áreas da saúde (SEID e ZANNON, 2004).

Menestrina (2000), admite que a educação e a saúde se entrelaçam como necessidades decisivas e imprescindíveis para a auto-realização humana durante toda a vida, possibilitando a aquisição de um melhor nível de vida, como instrumento de todas as realizações humanas, que é o seu corpo.

Para Menestrina (2000, p. 11), ao analisar a educação e saúde e suas inter-relações em uma visão sócio-histórica, afirma que:

[...] o movimento é a essência da vida humana. Por ser intencional e ter pleno sentido, pode-se compreendê-lo como a forma mais original e significativa de expressão. O homem utiliza o corpo para efetuar os movimentos que determinam a sua auto-expressão individual e sociocultural, conforme as necessidades e características peculiares de cada época.

De acordo com Menestrina (2000), o ser humano desenvolveu os seus padrões de movimentos para conceder forma útil a sua vida e, em consequência disso, ocorreu a modificação da sua própria natureza. Assim, o aperfeiçoamento de habilidades para a evolução gestual e a construção de ferramentas que possibilitassem maior êxito nas práticas de sobrevivência, tornaram necessária a realização de movimentos físicos, que caracterizam o seu instrumento cultural e sua significação.

Esse autor afirma que os movimentos corporais são condições que permitem as relações do indivíduo com o seu meio, para resolver necessidades ou satisfazer interesses. O autor destaca a importância da compreensão dos movimentos corporais e a necessidade de promover uma boa qualidade de vida, compreendendo como uma prática indispensável para uma sobrevivência saudável e plena.

Pitanga (2004) concebe a qualidade de vida como sendo uma multiplicidade de aspectos comportamentais e ambientais, que possuem conjunto de determinantes caracterizadas por alimentação, moradia, saneamento básico, transporte, trabalho, renda, poluição ambiental, educação, lazer, atividade física e serviços essenciais. Esse autor evidencia que algumas necessidades básicas do homem, como alegria, prazer e felicidade estão inter-relacionadas como ingredientes determinantes a uma boa qualidade de vida.

Nahas (2001), ao investigar atividade física, saúde e qualidade de vida, admite a complexidade do conceito qualidade de vida: qualidade de vida é um conceito complexo, multideterminado e que deve ser interpretado de modo contínuo, não como uma dicotomia (ter ou não ter).

De acordo com Saba (2003), qualidade de vida depende do poder aquisitivo, da infraestrutura do lugar em que se vive, da relação mantida no trabalho, do tempo que se dedica a cada atividade, do estado de saúde e mais, da maneira pessoal de encarar tudo isso. A qualidade de vida é medida por parâmetros individuais, ambientais, sócio-culturais que caracterizam o modo como vive o ser humano, e ao mesmo tempo está relacionada a fatores externos e a uma percepção individual do modo de vida. Esse autor afirma que o respeito ao que se chama de tempo de qualidade é uma das garantias de qualidade de vida. O tempo de qualidade tem relação com os momentos prazerosos que o homem passa com os seus familiares e entes queridos, e podendo significar bem mais do que isso. O mesmo pode ser o tempo que se dedica àquilo de que gosta.

A qualidade de vida está relacionada às carências que a pessoa apresenta. O nível de qualidade de vida pode ser definido como sendo o grau de atendimento das necessidades existentes. Portanto, qualidade de vida é uma opção pessoal a ser perseguida, definindo de acordo com as suas possibilidades, as suas carências e as suas esperanças; a qual está sujeita a transformações constantes (BERESFORD, 1999).

Também Ferrans e Powers (1993, p.575) sustentam que “[...] os valores culturais, étnicos e religiosos determinam o modo de julgar a qualidade de vida [...] pessoas diferentes, o que contribui para as diferenças nas formas de conceber e medir a qualidade de vida”.

Assumpção et al., (2002, p.4) afirma que

[...] recentemente, atividade física e saúde vem sendo gradualmente substituída pelo enfoque de qualidade de vida, o qual tem sido incorporado ao discurso da Educação Física e das Ciências do Esporte. Tem, na relação positiva estabelecida entre atividade física e melhores padrões de qualidade de vida, sua maior expressão.

De acordo com Minayo et al., (2000), há múltiplos sentidos para qualidade de vida, afirmando que essa noção aproxima à satisfação buscada na vida familiar, amorosa, social e ambiental e na própria estética existencial.

A compreensão contemporânea do homem preconiza sua interação com meio ambiente. Quanto a isso, a consciência ecológica do corpo se caracteriza como uma necessidade primordial para a aquisição de padrões mais positivos de qualidade de vida.

A tendência do homem moderno é buscar novas formas de qualidade de vida, que privilegiem assim, a saúde, o prazer e o bem-estar. Nesse cenário, cada vez mais se acentua a procura de atividades alternativas, como por exemplo, os esportes de aventuras, atividades físicas de aventura na natureza, práticas corporais de aventura na natureza e esportes radicais, que fazem com que o homem saia da sua rotina e estabeleça outro estilo de vida.

Para desenvolver e manter níveis satisfatórios dos componentes básicos para se ter estilo de vida, é indispensável a aptidão física para saúde, que requer um grande esforço individual. Especialmente, nas sociedades urbanas modernas, níveis adequados de saúde somente serão mantidos quando a motivação está presente, isto é, se o indivíduo perceber os benefícios desse esforço como valor para a sua vida.

Portanto, pode-se afirmar que a qualidade de vida é resultado da inter-relação de fatores que dão forma e diferenciam o dia-a-dia dos indivíduos, sob os aspectos dos relacionamentos e situações vivenciadas.

Em outro aspecto, como lazer associado à qualidade de vida, segundo Carvalho (2005), pode ser entendido com uma das dimensões da vida para se intervir no processo de saúde, de doenças, no âmbito individual e coletivo. A autora afirma que os temas lazer e saúde têm sido nos últimos tempos, tratados de maneira simplista, “como se os conteúdos do lazer, por si só, produzissem saúde”.

Carvalho (2005, p. 21) considera que

[...] qualidade de vida é uma noção humana, relacionada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e na própria existência. É uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera como o seu padrão de conforto e bem-estar, e, nesse sentido, é uma construção social.

2.7 Corpo: sensações, sentidos corporais e emoções.

De acordo com Prado (2006, p.197), “O corpo humano integra as dimensões da materialidade: ossos, músculos, hormônios, fezes, sangue, e da imaterialidade: emoções, criatividade, loucura, ludicidade”. É na imaterialidade que compreende-se a redescoberta dos sentidos e da natureza. “Os sentidos como audição, visão, tato, paladar e olfato servem como mediadores na relação do corpo com o mundo e dão vida e qualidade para o exercício das funções físicas, psíquicas, sociais e culturais do homem” (PRADO, 2006, p. 197).

O corpo é a primeira referência do ser humano no espaço, significando a presença no mundo. Pode ser entendido como um corpo sensível. Enquanto presença no mundo, o corpo

produz e compartilha significados com seus pares (FERREIRA, 2003). Para o autor, essa produção de significados se dá por meio das experiências corporais, imbuídas de valores culturais, econômicos e sociais.

Goulart (1986), admite que as funções sensoriais fornecem informações sobre o mundo. O ser humano é um instrumento sensível e, por isso, está continuamente captando e registrando as energias que o rodeiam. Segundo a autora, o ser humano dispõe de vários sentidos, embora os principais sejam o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão. Cada qual fornece um tipo de informação sobre o mundo, mas todos funcionam harmonicamente. Destaca ainda que, no funcionamento dos sentidos corporais, o ambiente é percebido pelos órgãos dos sentidos e pela sensibilidade que captam os estímulos. Os nervos funcionam como uma linha de transmissão, levando a informação ao cérebro. As sensações são responsáveis pelo reconhecimento do mundo externo, por meio das diferentes formas de sensibilidades, que são captadas pelos nossos sentidos corporais.

Já a percepção é mais complexa: supõe a interpretação dos estímulos físicos que são fornecidos ao ser humano pelos sentidos. Graças a ela, o ser humano interpreta o mundo ao seu redor, dando-lhe sentido. Os limiares sensoriais variam muito de uma pessoa para a outra, ou na mesma pessoa, dependendo, entre outras coisas, da experiência anterior (GOULART, 1986).

As experiências íntimas do corpo com a natureza representam uma forma de comunicação, um diálogo entre o ser humano e o mundo natural. Diálogo esse crítico ou não, dependendo da relação com a sua corporeidade, expressa no movimento humano. Esses diálogos sofrem influências diretas de sua cultura e de valores (BRUHNS, 1997a).

BRUHNS (1997a), considera que a natureza constitui um dos principais elementos da sensibilização humana para a vivência dos esportes de aventura. Ao destacar a relação dos esportes de aventura, essa autora sugere duas possibilidades de intervenção humana: a gratuidade e o utilitarismo. A gratuidade é quando a atividade é praticada descompromissada do tempo cronológico, na intenção de captação da realidade enquanto conhecimento, emoção e motivação. O utilitarismo, quando destinada a um fim secundário à própria prática.

Quando gratuita, a atividade evidencia maior integração do corpo com a natureza (BRUHNS, 1997b). Uma natureza que é percebida como espaço de experiências, “de novas sensibilidades relacionadas ao corpo” (BRUHNS, 2003).

Bruhns (1997b), admite que a experimentação de emoções e sensibilidade poderá conduzir os seres humanos a diferentes maneiras de percepção e de comunicação com o meio

em que vivem. A consideração evidencia a necessidade de compreensão sobre os diferentes significados que a relação dos seres humanos junto à natureza tem assumido.

Bruhns (1997b, p.135-136) acrescenta que entendimentos, sentimentos e sentidos manifestam-se paralelamente no corpo humano, interagindo com a natureza. Essa autora destaca que o corpo humano, como esquema hierarquicamente organizado, encontra-se impregnado “com valores resultantes de funções fisiológicas carregadas de emoção e de experiências sociais íntimas”. Nessa hierarquia, na qual o entendimento é o conhecimento do seu próprio corpo, ao mesmo tempo em que o sentimento está imbuído de emoção, os sentidos corporais emergem dessa interação, podendo trazer manifestações ricas a cada experiência.

A busca por emoções na prática de aventura na natureza pode ser responsável por causar “um efeito purificador (catártico), conduzindo ao bem-estar e à alegria” (BRUHNS, 2003, p. 35), constituído num ambiente natural, onde há um contato direto, por meio da flora, da fauna, das alturas, das amplitudes e de outros aspectos peculiares, meio esse capaz de estimular o efeito catártico, o qual “produz leveza” aos corpos.

Bruhns (2003, p.45) admite que, nos esportes de aventura, “buscam-se literalmente “um mergulho na natureza”, o que pode causar uma “emoção à flor-da-pele”, experimentando a aventura imaginada ou captando-a, por meio de todos os poros, absorvendo o impacto visual com o corpo inteiro. A autora destaca que o exercício dos sentidos, como “ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores”, faz parte de um conjunto intenso em que a tatilidade agora é representada pelo corpo como um todo, o qual “toca a natureza” e por ela é tocado. A pele não mais separa, não há limite. É uma fronteira, uma superfície porosa de troca entre o que capta e o que extravasa.

Bruhns (2003), ao fazer considerações sobre o significado das sensações e emoções relacionadas às atividades de aventura na natureza, sustenta que, na atualidade, há uma possibilidade de aquisição de um novo estilo de vida, caracterizado pela aquisição de novos hábitos e valores na forma de viver e perceber a importância da natureza como possibilidade de melhoria para a qualidade de vida.

Munster (2004, p. 240), ao analisar os esportes na natureza e a deficiência visual, numa dimensão pedagógica, destaca vários benefícios decorrentes da prática desses esportes: benefício motor; melhor preparo físico; maior resistência, capacidade de equilíbrio; diminuição da ansiedade; melhor auto-controle, auto-confiança, auto-segurança, conquista da autonomia; mudanças internas significativas (no sentir, no perceber, no pensar); aproximação com o meio natural e a oportunidade de refletir sobre a preservação da natureza; mudança de

atitude relacionada ao cotidiano; modificações relacionadas ao desempenho motor e aos aspectos emocionais decorrentes da prática.

A autora afirma que o meio natural consiste em um ambiente rico em estímulos sensoriais, despertando sensações físicas e emoções intensificadas pelo contato com os elementos da natureza.

Moraes e Oliveira (2006), em seu estudo sobre emoções em situações de risco no alpinismo de alto nível, constataram que o alpinismo é um esporte que proporciona uma gama de emoções e de elevada intensidade. Esses autores admitem que os elementos encontrados na emoção são: medo, raiva, ansiedade e preocupação, sensações de liberdade, poder, prazer, superação, vitória, auto-realização, recompensa pelo esforço e solidariedade. Para esses autores, os enfrentamentos de desafios que ocorrem na escalada é que definem a emoção de se chegar ao cume.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação, bem como responder às questões centrais formuladas, foi preciso traçar alguns caminhos que levassem a um ponto inicial para esse estudo, com alternativas metodológicas, estratégias de pesquisa, técnicas de coleta e o tratamento, para a obtenção dos resultados.

3.1. Tipo de Estudo:

A opção por uma abordagem de natureza qualitativa se deve ao objeto de pesquisa, pois Richardson (1999, p.70) considera que esse “método de pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de fenômenos”. Esse procedimento, na visão desse autor, permite “realizar observações e interpretá-las com base nas relações encontradas”. Os estudos que aplicam a metodologia qualitativa podem:

[...] descrever a complexidade de um determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 1999, p.80).

Por sua vez, Triviños (1987, p. 17), ao analisar o método qualitativo, entende que “as posições qualitativas baseiam-se especialmente em dois enfoques específicos de compreender e analisar a realidade [...]”, de maneira mais profunda, de um determinado grupo pesquisado.

Esse estudo foi realizado por meio de uma combinação de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. O levantamento bibliográfico inicial desse estudo corresponde aos termos-chave: lazer, corpo, caverna, caving, esportes de aventura, natureza e qualidade de vida, cujas concepções encontram-se em diversas fontes, tais como livros, artigos em periódicos especializados e bases eletrônicas de dados, com a finalidade de melhor compreender os assuntos relativos a esses conceitos.

3.2 Procedimentos

Para a realização das coletas de dados, foram realizadas a observação participante e a entrevista semi-estruturada. A entrevista semi-estruturada foi realizada individualmente. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada (no apêndice), com o auxílio de um gravador, em locais e horários definidos pelos integrantes do EPL, participantes desse estudo, ora na sua residência ou local de trabalho, conforme a disponibilidade de cada participante. Antes de iniciar as entrevistas, cada participante entrevistado assinava um termo de consentimento livre e esclarecido (no apêndice).

Triviños (1987) entende que a entrevista semi-estruturada permite, quando necessária, a intervenção do entrevistador, ao mesmo tempo em que dá margem à liberdade e à espontaneidade do entrevistado. Thiollent (1992), por sua vez, considera que a entrevista

semi-estruturada pode aumentar os horizontes de respostas dos sujeitos, permitindo que os mesmos explorem um universo de significações, muitas vezes não esperado pelo pesquisador.

Após o término de algumas entrevistas, a conversa, muitas vezes, continuava, trazendo muitas informações importantes que eram gravadas ou anotadas. As entrevistas foram transcritas na íntegra, respeitando-se as falas dos entrevistados. Tudo isso foi importante, pois contribuiu para validar um conjunto de informações coletadas durante as observações.

Conforme Minayo (1999, p. 120),

[...] toda entrevista, como interação social, está sujeita à mesma dinâmica das relações existentes na nossa sociedade. Quando se trata de uma sociedade conflitiva como a nossa, cada entrevista expressa de forma diferenciada essa luz e sombra da realidade, tanto no ato de realizá-la como nas informações que aí são produzidas. Além disso, pelo fato de captar formalmente informações sobre determinado tema, a entrevista tem que ser incorporada a seu contexto e vir acompanhada, complementada ou como parte da observação participante. Desta forma, além da fala mais ou menos dirigida, captam-se as relações, as práticas, os gestos e as cumplicidades e a fala informal sobre o cotidiano.

Na pesquisa de campo as observações participantes (BRUYNE et al., 1977) foram realizadas durante as atividades planejadas pelo grupo estudado Espeleogruppo Peter Lund - EPL. As observações consideraram a prática do cavernar desde o momento de preparação da entrada na caverna, o de preparar o equipamento específico para a realização da atividade, até o momento de saída do grupo da caverna. As visitas às cavernas foram realizadas nos finais de semana e em feriados. Para o registro das informações obtidas, adotou-se como principal instrumento de coleta de dados o de diário de campo.

3.3. Delimitando o universo da pesquisa

A área escolhida para a coleta de dados foi o município de Montes Claros - MG, por ser um município de geomorfologia cárstica, onde a prática do *caving* é favorecida pela existência de Lapas e o Vale do Peruaçuinho, no município e na região norte-mineira, e de sítios arqueológicos, destacando-se o Parque Estadual Lapa Grande.

A escolha da amostra para a realização desse estudo deu-se de forma intencional e levou em conta critérios de representatividade e acessibilidade (BRUYNE et al, 1977).

O grupo pesquisado foi composto por dez adeptos da modalidade do *caving*, de ambos os gêneros, pertencentes ao Espeleogruppo Peter Lund - EPL.

A escolha pelo EPL deu-se em função do prazer, da alegria e do entusiasmo de seus integrantes em realizar as suas atividades em cavernas. Parece que, ao realizar as atividades em cavernas, os integrantes do EPL estão totalmente entregues a essas atividades, podendo ser percebido, por meio da satisfação individual de cada um. Um outro ponto importante a ser destacado nessa escolha deve-se à grande experiência desses atores sociais na exploração de caverna, na pesquisa e na preservação do patrimônio espeleológico, arqueológico e cultural norte mineiro, no seu contexto físico e histórico, bem como no ecossistema, buscando divulgar o seu valor científico e a conscientização das pessoas acerca da importância da natureza. Destaca-se, ainda, o pioneirismo do grupo no Norte de Minas, com relação às atividades na área de caverna. A criação do EPL também deu-se em virtude do grande número de ocorrência de cavernas na região. O EPL é filiado à Sociedade Brasileira de Espeleologia, SBE, desde 1993. São quinze anos de dedicação do EPL às atividades de caverna. Foram vários trabalhos realizados em cursos básicos de espeleologia, exploração do potencial espeleológico de Montes Claros, registrando cerca de cento e cinquenta ocorrências de cavernas e de abrigos.

3.4 Cuidados éticos

Os depoimentos foram cedidos, mediante a autorização dos entrevistados, sendo mantido como confidencial o nome dos participantes. Foi solicitada a assinatura do termo de consentimento e livre esclarecido, conforme informado anteriormente.

3.5 Caracterização das cavernas/lapas observadas

A Lapa Grande é considerada a mais interessante de todas as lapas pela história que ela carrega. Foi considerada, até 1970, a maior caverna de Minas Gerais, uma importante lapa para a exploração do salitre. Nela, foram descobertos fósseis de diversos animais extintos, como o *Megatherium* - preguiça gigante (ASSIS, 2003).

Segundo relatos, passaram por ela várias pessoas ilustres, como os europeus Saint-Hilarie, Spix, Czar Búlgaro Fernando e Martius, que, nas suas pesquisas, desenterrou fósseis de um extinto *Megalonix* (PAULA, 1979).

Ao entrar na Lapa Grande, percebe-se uma nova dimensão da nossa história, de um mundo envolto de mistério, onde a escuridão e o silêncio parecem andar de mãos dadas.

Essa lapa constitui-se de uma galeria ampla, que se apresenta ora estreita, ora larga, com vários corredores que se comunicam entre si, formando um verdadeiro labirinto. O chão é coberto de pedras ora firmes, ora soltas. Isso é devido à exploração do salitre.

Das lapas existentes no município de Montes Claros, a Lapa D'água é a mais próxima da cidade. A lapa apresenta dois níveis: um superior, com um rio temporário, e um inferior, onde circula um rio e um córrego. Os dois níveis estão ligados por um poço vertical de oito metros, que se encontra a quatrocentos e trinta metros da entrada. A entrada tem aproximadamente dezesseis metros de largura por cinco metros e meio de altura (PAULA, 1979).



Figura 05: Lapa D'água - entrada da lapa
Fonte: Arquivo pessoal Profa. Marilda T. Mendes, 2008.



Figura 06: Lapa D'água - entrada da lapa
Fonte: Arquivo pessoal Profa. Marilda T. Mendes, 2008.

É uma lapa que apresenta uma grande beleza cênica¹², por ser percebida por meio de várias formas de espeleotemas, como estalactite, estalagmite, represas de travertinos, cortinas, colunas, cascatas, dentre outras. O brilho da calcita nesse ambiente chama a atenção de todos que por ali passam. O brilho da calcita contrasta com a escuridão, formando um céu estrelado. Nas paredes da lapa, tudo é magia, tudo é mistério. É a natureza dando boas-vindas aos visitantes, por meio desse espetáculo maravilhoso proporcionado pelo mundo subterrâneo. Atualmente, os espeleotemas ainda se encontram em processo de formação.

É uma lapa rica em espeleotemas. Nela, encontram-se as maiores pérolas¹³ de cavernas do Brasil. Atualmente, é uma das lapas mais visitadas, pela sua riqueza em variedade de espeleotemas existentes. Nessa lapa, há espeleotemas, como cabelo de anjo, que é um espeleotema raríssimo, como um fio de cabelo. A rocha evapora. É o suor da rocha, chamado de exsudação, que vai cristalizando o fio de cabelo. Tem-se um fio de pedra, graças ao suor que a pedra exala.

Quanto à visita à Lapa D'água, a aventura começou na escuridão, cuja beleza cênica pode ser percebida, por meio de um conjunto de espeleotemas, descortinando-se diante dos

¹² No ambiente cavernícola, a beleza cênica está relacionada às ornamentações existentes, por meio dos espeleotemas. Essa beleza, segundo alguns integrantes do EPL, é um trabalho milenar, que pode ser percebido por várias formas de espeleotemas, algumas com características bizarras, que se apresentam nos salões e galerias, cobrindo todo o interior de uma lapa.

¹³ Pérolas de cavernas: são concreções de estrutura concêntrica que se formam no interior das represas de travertino ou em pequenas cavidades molhadas nos pisos e paredes das grutas. Tais cavidades, quando revestidas por uma capa de calcita, são denominadas ninhos de pérolas e geralmente se localizam sob estalactites, cujo gotejamento alimenta de água essas pequenas bacias (LINO, 1989, p. 171).

olhos pelo seu aspecto esbranquiçado e brilhante. Ali, esses espeleotemas brincam com os sentidos. Tudo parece escultura. Tudo parece fantasia.

A Lapa D'água possui salões enfeitados, com uma grande variedade de espeleotemas. Esses salões parecem verdadeiras galerias de obra de arte. É como se fosse uma espécie de exposição exposta no interior da caverna. É algo fantástico. Fantástico, porque faz as pessoas enxergarem formas delicadas que encantam os olhos e brincam com a imaginação e com os sentidos. É uma espécie de fantasia que faz transcender para uma outra dimensão planetária. Parece um faz-de-conta. É o mundo subterrâneo, descortinando-se para os olhos, por meio das suas performances espeleotemáticas. Um verdadeiro carnaval, que exibe muito brilho e suas alegorias. Nesse carnaval, o som fica por conta do silêncio captado pela audição, um verdadeiro espetáculo no interior da terra, uma festa para os sentidos corporais, como tato, audição e olfato.

A Lapa D'água também possui dois níveis na sua topografia. No primeiro nível, pode-se encontrar vários espeleotemas, como estalagmites com coralóides, conjunto de estalagmites e colunas, cascatas, cortinas, travertinos, pérolas e helictite.

Já no segundo nível, o seu acesso requer do visitante coragem e muita habilidade para o deslocamento. Nesse segundo nível, encontram-se um declive, blocos abatidos e espeleotema, como estalactites. Esse nível apresenta característica de um vale, pois o seu acesso só é possível, por meio de um conduto.



Figura 07: Lapa D'água - **E**stalactites e cortinas
 Fonte: Arquivo pessoal Ricardo Eleutério, 2007.

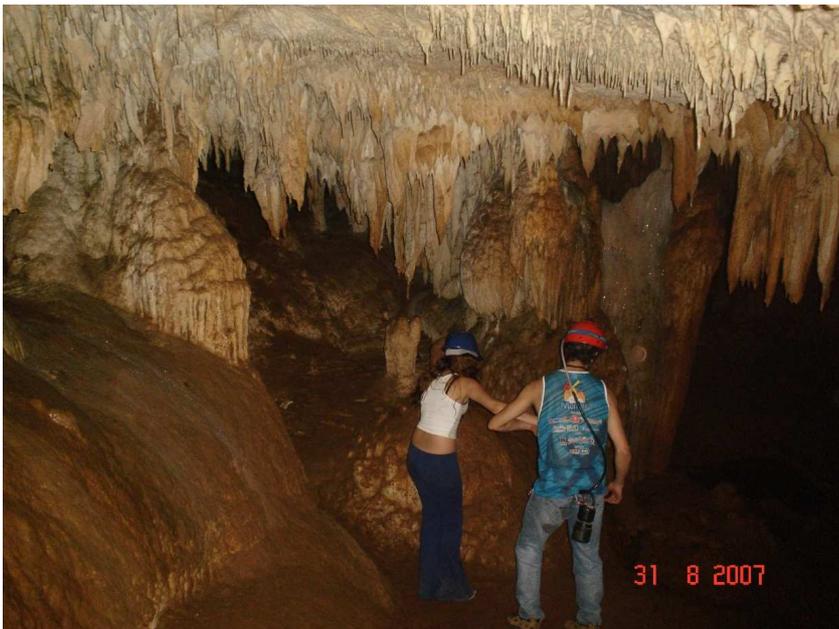


Figura 08: Lapa D'água - **S**alão cheio de espeleotemas
 Fonte: Arquivo pessoal Ricardo Eleutério, 2007.

A Lapa Pinta le abrigo, em
 cujas paredes se notam vários desenhos de pinturas rupestres. Nessa lapa, a arqueologia se
 destaca, com dezenas de pinturas rupestres e vestígios de ocupação humana, durante o período
 da pré-história (PAULA, 1979).



Figura 09: Lapa Pintada - Parede do abrigo
Fonte: Arquivo pessoal Eduardo Gomes, 2006.

Para quem visita a Lapa Pintada, o seu maior atrativo fica por conta das pinturas, da escalada e do rapel.



Figura 10: Lapa Pintada - Pinturas rupestres
Fonte: Arquivo pessoal Eduardo Gomes, 2006.

Dentre outras ocorrências de cavidades naturais existentes na região, destacam-se, ainda, a Lapa Claudina, a Lapa da Santa e o Vale do Peruaçuinho, onde realizaram-se diversas observações com os membros do Espeleogruppo Peter Lund.

Comparada às demais lapas, a Lapa Claudina chama a atenção de todos pelas suas características naturais existentes, como boa ventilação, formação labiríntica e facilidade de

locomoção. Segundo Assis (2003), a Lapa Claudina é considerada a melhor Lapa de Montes Claros, principalmente para a Educação Ambiental, com suporte pedagógico. É uma caverna didática, tranqüila e segura, que permite condições ambientais favoráveis à visitação. Quanto à formação geológica da Lapa Claudina, é de origem calcária, por ser formada pelo calcário de bambuí, que é um tipo de calcário da região do Norte de Minas Gerais.

A Lapa Claudina se localiza na Serra do Meireles, com novecentos metros de extensão, segundo Paula (1979). É uma lapa que possui uma entrada estreita: só dá passagem a uma pessoa. Logo depois da entrada, há um grande corredor, onde se inicia um grande labirinto, no qual podem ser vistos alguns animais.

O corredor dos labirintos tem aspectos exuberantes, com muito brilho nas paredes e de percursos ondulados, parecidos com as veredas do sertão, onde a natureza permite a passagem somente de uma pessoa a cada vez.



Ao lado da Figura 11: Lapa Claudina - Corredor labiríntico, por onde todos passam, verificamos que é necessário ter muito cuidado para não destruí-los. A caverna traz grandes perigos, por causa da ausência de luz e de alguns obstáculos naturais existentes, como pedras soltas e desmoronamento do teto. O acesso a certos lugares é difícil.

Já a Lapa da Santa, localizada na área do complexo da Claudina, também é uma importante lapa, mas sua visitação é limitada, devido ao risco de acidentes, por ser muito

acidentada e ter trechos inundados. É uma lapa muito nova. Há muita água no seu interior. O leito do rio ainda não a abandonou. Trata-se de uma lapa, situada no município de Montes Claros-MG. Parte de seu trecho subterrâneo é percorrida por um rio.

O Vale do Peruaçuinho está localizado no município de Mirabela, norte de Minas Gerais. Segundo Eduardo, a formação geológica desse vale apresenta um relevo cárstico, com cânion formado pela erosão do calcário. Ele afirma que o rio escavou a rocha calcária e deu origem às cavernas e aos paredões, formando um local característico de área cárstica, com cavernas, com paredões, com dolinas¹⁴, com sumidouros e ressurgências.



Figura 12: Caverna do Peruaçuinho, São Cavernas de dimensões altas. Fonte: Arquivo pessoal Profa. Marilda T. Mendes, 2007. O geológico que ele apresenta é muito rico em ornamentações, proporcionando aos visitantes a oportunidade de conhecer uma diversidade cavernas com grandes entradas e ornamentações também na sua parte externa. No seu interior, as cavernas apresentam espeleotemas e lagos, com uma exposição cênica impressionante, contrastando com a água, fazendo com que esse mundo subterrâneo, escuro, apresente a sua beleza existente.

¹⁴ São buracos no teto da caverna que permitem a entrada de sol.

Um outro ponto importante a ser destacado é o nome que essa região recebeu de Vale do Peruaçuinho, pelo fato de algumas cavernas apresentarem características semelhantes à do Vale do Peruaçu, considerado a maior área espeleológica e arqueológica da América do Sul, localizado no município de Itacarambi, norte de Minas Gerais.

Nessas lapas apresentadas e no Vale do Peruaçuinho, as intervenções do EPL acontecem por meio de ações, que são: documentar, catalogar, topografar, preservar as cavernas do município de Montes Claros e de toda a região do Norte de Minas. E, a partir daí, fomentar todo um processo dinâmico da espeleologia, por meio de conhecimento básico sobre o conceito da espeleologia, somados ao trabalho de educação ambiental, mostrando a importância desse patrimônio espeleológico para a cidade de Montes Claros e região.

Para essas ações de catalogar, documentar e topografar, são necessárias técnicas de locomoção utilizadas como: rapel, tirolesa, escalada e mergulho. O rapel é uma técnica vertical de descida pela corda em uma parede que foi escalada, ou para descer um abismo na caverna. A escalada é também considerada uma técnica vertical de ascensão em rocha. Já a tirolesa é considerada como uma técnica horizontal, geralmente utilizada para socorrer uma vítima (BECK, 1999).

Segundo esse autor, a melhor maneira de adquirir essas técnicas é por meio da prática constante. Logo que o praticante se torna experiente, as técnicas se automatizam. São técnicas básicas para o deslocamento em cavernas:

- desmoronamento: áreas de pedras soltas e grandes blocos tombados, especialmente aqueles desmoronamentos frescos geologicamente “recentes”. É preciso ter cuidado de evitar deslocar em alguma pedra ou de provocar um colapso ao redor. Devido à instabilidade do terreno, é importante o praticante utilizar o maior número de apoio possível para se deslocar;
- quebra corpos e passagens estreitas: à medida que o teto abaixa, o cavernista é obrigado a rastejar de lado ou até de costas. Com passagens baixas, desconfortável e estreita, requer técnicas especiais para realizar a travessia. Torna-se necessário fazer uso de joelheiras e de luvas. Durante a travessia do quebra corpos, a vantagem é ajustar a posição do corpo, aproveitando apoio para projetar para frente com as mãos ou empurrar com os pés;
- fenda e chaminés: são técnicas de escaladas usadas em paredes de inclinações variáveis para acesso às galerias superiores. Geralmente, é quando uma fissura vertical percorre o comprimento da caverna muitas vezes, permitindo deslocar horizontalmente, como também para cima ou para baixo, pressionando os pés contra a “parede em frente, andando por ela para o lado, enquanto costas e mãos se alternam na parede. O corpo progride às custas de

movimentos alternados de pés e mãos, apoiados na parede à esquerda e à direita” (BECK, 1999, p. 24).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise da qualidade de vida entre os integrantes do Espeleogrupo Peter Lund - EPL, foram criados cinco indicadores com base nos resultados da entrevistas semi-estruturadas e da observação participante. O primeiro indicador foi relativo aos significados da caverna. O segundo indicador referiu-se aos significados do *caving*. O terceiro indicador tratou dos motivos para a prática do *caving*. O quarto indicador referiu-se à relação ser

humano/caverna, por meio da prática do *caving*. O quinto indicador referiu-se aos sentidos corporais presentes no *caving*. Esses indicadores vincularam-se à melhoria da qualidade de vida decorrentes da prática do *caving*, em conformidade com os integrantes do EPL.

Houve um consenso entre os entrevistados, quanto à melhoria da qualidade vida, em função da prática do *caving*. Os benefícios vincularam-se à paz, à tranqüilidade, à harmonia, à existência de um cansaço bom; ao lazer; à sociabilidade, à religião; à emoção e aos sentidos corporais;

O primeiro indicador refere-se aos significados da caverna. Verificou-se que os significados atribuídos à caverna, por parte desses integrantes, foram: paz; tranqüilidade; harmonia; sociabilidade, entre outros.

No que se refere à **paz** e a **tranqüilidade** como benefícios para a melhoria da qualidade vida, decorrente da prática do *caving*, os sujeitos 07 e 08 fazem considerações importantes sobre esses dois benefícios.

O sujeito 07 associa caverna a um ambiente de tranqüilidade, de paz, em que o visitante encontra-se consigo mesmo:

[...] onde ele encontra a **paz**, eu desloco do mundo dessa correria que a gente tem aqui fora. Eu não sei se seria introspecção em relação às minhas vidas passadas (...). Lá eu fico mais **tranqüilo**, relaxo, eu viajo ali dentro. Eu imagino um monte de coisas relacionado com as rochas. Como aquilo tudo se formou e a gente acaba descansando a cabeça das coisas que acontece aqui fora, dessa correria louca, desse mundo atual nosso. Seria esse momento de me encontrar, de **paz** mesmo, de **tranqüilidade**, de ter a possibilidade de parar para pensar nas coisas que são necessárias para a minha vida aqui fora; para as coisas que eu gosto realmente, que é ficar dentro de uma caverna, sentir o clima lá dentro, sentir a própria rocha, como a gente diz, conversar com os colegas de forma bem tranqüila, sem estar naquela exigência de falar uma coisa certinha, sem estar buscando coisas relacionadas com a profissão, com o dia-a-dia. (Sujeito 07) (grifo nosso)

O sujeito 07 compara a visita às cavernas a uma viagem a outra dimensão: “[...] é uma forma de você sair fora dos parâmetros impostos pela sociedade e viajar para outra dimensão. Eu sinto muito bem quando eu começo a observar as rochas”.

O sujeito 08 também considera a caverna como lugar de paz, de tranqüilidade absoluta, ambiente de introspecção, de aventura, de mistério, de magia, de beleza, de sensações, muito diferente do mundo urbano:

[...] um lugar onde reina **tranqüilidade absoluta**. Não tem luz, não tem barulho. A luz e o barulho é você quem leva (...). É um ambiente de introspecção. A gente pode buscar meditação, pode buscar a tranqüilidade

mesmo. E, por outro lado, também são várias facetas. Tem esse lado mais de introspecção. Tem o lado de aventura e tem o lado de mistério. A sensação de estar em um lugar que ninguém nunca foi é muito bacana e a beleza também que é fantástica. Ambiente mágico devido às belezas cênicas, sensação de **paz**, de **tranqüilidade** e de silêncio. Estar em um lugar diferente de tudo é um mistério. É difícil de falar. São muitas sensações. Para você definir uma caverna no sentimento é muito mais complicado. Representa, para mim, um lugar diferente de tudo que tem aqui fora. É outro mundo. A gente não define caverna, a gente sente. Só estando lá para sentir, não dá para falar.
(Sujeito 08) (grifo nosso)

Dentre os vários significados atribuídos à caverna pelo o sujeito 08, ressalta-se a caverna como “um ambiente de introspecção, que pode buscar meditação, pode buscar a tranqüilidade”. (Sujeito 08)

As falas dos sujeitos 07 e 08 revelam características peculiares do ambiente cavernícola, como o silêncio e a escuridão, que podem remeter a ambientes que apresentam quatro elementos importantíssimos, como introspecção, meditação, tranqüilidade e paz.

O sujeito 08 afirma que:

estar em uma caverna é como se a pessoa entrasse em um estado de meditação, sem necessidade de se concentrar para isso, porque o próprio ambiente já proporciona isso ao visitante. A caverna permite um contato mais consciente e significativo do visitante com a natureza, consigo mesmo e com os outros, possibilitando aquisições de novas atitudes e de valores para a melhoria da qualidade de vida de quem visita uma caverna.

A respeito da paz e da tranqüilidade, benefícios podem ser encontrados na prática do *caving*. Lacruz e Perich (2000) mostram em seus estudos como um dos vários desencadeantes pela procura das atividades físicas de aventura na natureza, expressa pela vontade do ser humano de romper com o cotidiano e aproximar-se da natureza, com o intuito de usufruir suas características e particularidades, a possibilidade de conquistar uma vida mais tranqüila e prazerosa. As autoras admitem que a sociedade atual é muito estressante, produzindo tensões que afetam os estados emocionais do ser humano.

Harmonia

Bruhns (2003), ao fazer considerações sobre o significado das sensações e emoções relacionadas às atividades de aventura na natureza, admite que, na atualidade, há uma possibilidade de aquisição de um novo estilo de vida, caracterizado pela aquisição de novos

hábitos e valores na forma de viver e perceber a importância da natureza como possibilidade de melhoria da qualidade de vida.

As transformações ocorridas no corpo, por meio de experimentações em contato direto com a natureza através do *caving*, possibilita uma nova percepção sobre o estilo de vida, determinada por posturas éticas, morais, sobretudo relacionadas à questão da vivência do lazer como um importante elemento na promoção da qualidade de vida.

O sujeito 01, em seu depoimento, destaca, que a sua relação com o ambiente de caverna “é permeada pela emoção e pela harmonia que o ambiente cavernícola proporciona”. Ele afirma que, na caverna, a emoção pode ser percebida individual ou coletivamente, por meio do silêncio, da beleza e da harmonia que o ambiente cavernícola apresenta.

Marinho (2001) discute a emoção e os compromissos compartilhados na prática das AFAN, onde são verificadas a coragem, a interação grupal, a tomada de decisão e a colaboração. Com relação à prática do *caving*, a emoção e os compromissos compartilhados podem ser observados nos obstáculos que a caverna apresenta, no cuidado que os integrantes do EPL têm com o outro e no companheirismo do trabalho grupal e na harmonia do grupo.

Pode-se, assim, ressaltar não só a qualidade das relações entre o ser humano e natureza, mas também as relações entre os seres humanos.

Nesse sentido, o sujeito 01 afirma que:

[...] a caverna representa **harmonia**, representa convívio e boas relações com o universo ambiental, tendo em vista que, na natureza, quando a gente compartilha com outros colegas essa vivência, existe uma relação de interdependência um do outro para com o meio, ou a gente não consegue realizar as atividades. Então, existe toda uma sinergia, uma sintonia entre ser humano e natureza, ser humano/ser humano, tentando perceber e abstrair os pontos que a gente acha que é **harmonioso** dentro da natureza. Eu penso que quanto mais eu doar para a natureza, mais eu recebo nessa relação de percepção, de **harmonia**, de interesse. [...] A gente entende que essa relação, ela é muito apurada [...], porque as relações são inúmeras até que a gente venha a descobrir. (Sujeito 01) (grifo nosso)

Sociabilidade

No ambiente de caverna, a sociabilidade pode ser entendida como solidariedade, relações sociais e relação de laços afetivos dos seres humanos, conforme afirma o Sujeito 04, ao referir à caverna como lugar de sociabilidade. A sociabilidade está presente no ambiente cavernícola, associada à melhoria da qualidade de vida. Para Candido (2001), o conceito de sociabilidade está intrinsecamente ligado às relações sociais cotidianas, das quais é possível, por meio de uma comunicação multi-direcional, construir grupos relacionados a temas afins. Em conformidade com o autor, a sociabilidade em um ambiente de caverna pode ser

entendida como uma forma de solidariedade, a qual é o elemento integrante da sociabilidade. Segundo Candido (2001), a solidariedade é a necessidade de ajuda. Ela é que determina a formação de uma rede ampla de relações, contribuindo para uma unidade estrutural do trabalho. Para esse autor, a sociabilidade é um aspecto organizador de qualquer atividade ou trabalho em grupo.



Figura 13: Caverna do Peruaçuinho - Solidariedade na travessia
Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Marilda T. Mendes, 2007.

Segundo Magnani (1996), em seu estudo “Quando o campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole”, a cidade oferece lugares de lazer, onde seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e de relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados, por meio das experiências humanas. Para esse autor, o que caracteriza a sociabilidade, são as experiências humanas, são as interações sociais estabelecidas entre as pessoas.

Explorando melhor o tema da sociabilidade, Santos (1996) destaca que, quanto maior a proximidade entre as pessoas envolvidas em uma atividade, mais intensa será a sociabilidade. O autor afirma que a comunicação entre as pessoas cria os laços sociais e a sociabilidade.

O sujeito 04 concebe caverna enquanto espaço de sociabilidade:

Eu entendo que a caverna é um **espaço de sociabilidade**, porque eu sou um grande admirador da geografia ambientalista e me considero um ambientalista também não tão romântico, mas desbravador de um pragmatismo que está aí para ser descoberto dentro dessa idéia ambientalista. Mas eu descobri aí uma personalidade, uma visão minha mesmo de que a caverna é um espaço de sociabilidade, porque foi isso que vivi lá, foi que senti, reconheci e acabei pactuando com outras pessoas que tiveram a mesma sensibilidade, talvez o mesmo sentimento de que a caverna era um grande espaço de sociabilidade. Na medida em que a gente debatia sobre os primórdios e a história espeleo-paleontológica, arqueologia e começava ter contato visual com as pinturas rupestres também, aquilo parece que ia aproximando a caverna como um espaço de **socialibilidade**. Eu acho que a sociabilidade durante a prática do *caving* vai depender das individualidades, das personalidades. Cada um vai ter uma leitura diferenciada desse ambiente e talvez essa pluralidade de interesses, de personalidades, de intelectualidades e desconhecimento fazem tornar a caverna um espaço de sociabilidade interessantíssimo. Porque a caverna é uma referência pragmática ao mundo, por meio de ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade de cada pessoa nesse lugar. (Sujeito 04) (grifo nosso)

O sujeito 08 destaca a relação estabelecida entre os integrantes do Espeleogrupo Peter Lund, considerada por ela como de intimidade, a união do grupo:

Às vezes, a gente convive mais com o grupo do que com a nossa própria família. Vai tá um ajudando o outro ali. Um sobe, outro dá a mão para o outro. Então existe uma **solidariedade**, que é crescente. Na caverna, você vai se lamiar, sujar até o último fio de cabelo, ficando todo sujo. E ninguém vai achar isso diferente. O cabelo fica de toda altura. Aqui você tem uma liberdade muito grande. É uma das coisas que mais gosto, inclusive é a liberdade de você tá no meio do mato, no meio de uma caverna. Você vai entrar em situações totalmente inusitadas que você não convive com ninguém. Você vai ter que fazer coisas que só faz no meio da sua família, coisas que socialmente e normalmente a gente não faz. Coisas muito íntimas e às vezes muito constrangedoras. Isso faz o grupo crescer muito. Quando participo de um acampamento, você acorda com essas pessoas e passa o dia inteiro com elas. Tá descabelado, limpo e sujo, tudo com essas pessoas. É um tipo de convivência muito próxima. [...] Às vezes, tem que pôr um pé aqui e um outro lá. Esse tipo de convivência junta muito o grupo, porque o tempo de convivência com o grupo é muito grande. Você faz uma atividade por um dia inteiro. Às vezes, você faz atividade por dois ou três dias, convivendo com o mesmo grupo. Aí no outro final de semana, vai está com o mesmo grupo. Você continua fazendo atividades que você não faz com pessoas comuns da sua convivência normal. Isso junta muito o grupo. Você é cúmplice de um monte de coisas. Convivendo com essas pessoas, nesses momentos que estamos junto dentro de uma caverna por muito tempo, o grupo vai **fortalecendo** muito. (Sujeito 08) (grifo nosso)

Como se percebe, os sujeitos 04 e 08 vinculam as atividades de exploração em à solidariedade, à sociabilidade, ao companheirismo e à intimidade.

Há uma partilha com o outro, o que cria laços afetivos. Isso permite aos integrantes do EPL compreender a si mesmos.

A caverna representa harmonia, convívio e boas relações com o universo ambiental, tendo em vista que, na natureza, quando se compartilha com outros colegas essa vivência, há uma relação de interdependência entre esses integrantes para com o meio, ou não se consegue realizar as atividades. Então, há toda uma sinergia, uma sintonia entre ser humano e natureza, ser humano/ser humano, tentando compreender os pontos que o homem acha que são harmoniosos dentro da natureza.

Quanto ao segundo indicador, significado do *caving*, ao se referirem aos benefícios corporais presentes na prática, os integrantes do EPL, consideram o bem-estar corporal como a **existência de um cansaço bom**.

Segundo Bruhns (2003), a busca por emoções na prática de aventura na natureza pode ser responsável por causar “um efeito purificador (catártico), conduzindo ao bem-estar e à alegria”, constituído num ambiente natural, onde há um contato direto, por meio da flora, da fauna, das alturas, das amplitudes e de outros aspectos peculiares, meio esse capaz de estimular o efeito catártico, o qual “produz leveza” aos corpos.

Esses aspectos positivos relacionados à satisfação pessoal e ao bem-estar na prática do *caving* podem ser identificados nos seguintes depoimentos abaixo. Ao se referirem aos benefícios corporais presentes na prática do *caving*, os sujeitos 7, 3, 6 e 8 consideram o bem-estar corporal como sendo um cansaço bom:

[...] que lá dentro, a gente fala que é um cansaço gostoso, porque você fica com a respiração ofegante. Às vezes, você faz um esforço além da sua capacidade, se cansa muito mais. Três, dois minutos, você dá uma parada para conversar sobre alguma coisa. Acaba descansando. Então, por isso, eu acho que a gente não acaba percebendo esse cansaço. A gente pára muito. Tem muitos intervalos entre um caminhar e outro dentro da caverna.
(Sujeito 07)

Eu falo para várias pessoas. Eu posso fazer qualquer tipo de atividade nos finais de semana, planejamento de aula. Eu fico extremamente cansado na segunda-feira, mas se o meu final de semana foi cavernar, eu posso ter feito o maior esforço do mundo, na segunda-feira, eu estou uma pessoa extremamente disposta a qualquer tipo de atividade. É como se lavasse a alma. Então, o ambiente cavernícola, dentro de uma caverna, ela dá essa energia, a paz interior, por você está se deleitando nas belezas do interior do universo, da terra. Eu acho que é isso. [...], você fica **mais disposto**. Quando se pratica o *caving*, você adquire um preparo físico de certa forma que vai melhorar o seu dia-dia. Seu cotidiano para você está **mais disposto, mais dinâmico**. (Sujeito 03) (grifo nosso)

O bem-estar corporal nesse tipo de atividade é bem marcante. Parece que o corpo fica revigorado, a gente cansa, mas o **cansaço é bom**. Parece que a caverna tem uma força oculta de promover esse bem-estar corporal, porque se fosse um outro tipo de atividade qualquer, após a sua prática, o corpo estaria cansado. A caverna tem essa capacidade de energizar todo o nosso corpo, principalmente a nossa cabeça. Acho isso bacana. Acho que todos deveriam conhecer uma caverna. (Sujeito 06) (grifo nosso)

[...] o corpo é muito pleno, não só em termo de exercício mesmo, mas também da própria cabeça. Psicologicamente, tá trabalhando ali também. A atenção, o cuidado, a concentração e o deslumbramento. Então, o corpo ali é pleno. Mente, músculo, sangue, enfim todo o corpo é pleno muito bem dentro de uma caverna [...]. É um exercício forte, pesado às vezes, até mais gratificante. Quando você sai de uma caverna, como diz a minha irmã, “é um **cansaço bom**”, porque você trabalha o organismo e tem aquela sensação de prazer que o exercício físico proporciona e, além de tudo, você desestressa ali. Você trabalhou a cabeça e sua cabeça está mais tranqüila. Você sente cansaço físico, mas é um cansaço bom. É prazeroso. (Sujeito 08) (grifo nosso)

Há um consenso, nos depoimentos de 7, 3, 6, 8, sobre o bem-estar corporal, proporcionado pela prática do cavernar. A plenitude corporal é marcante, diante dos depoimentos. Tem-se a sensação de prazer que o ambiente proporciona aos visitantes. Para os integrantes do EPL, é uma relação toda energética, porque há o aguçar de todos os sentidos corporais. Na caverna, esses integrantes ficam atentos às pequenas coisas do mundo, às minúcias que, muitas vezes, passam despercebidas, mas que lhes possibilitam condição para compreender o que é uma caverna. A cada passo dado dentro de uma caverna, é uma situação diferente, é uma nova percepção, é uma nova demanda que proporciona o cansaço bom.

Os depoimentos acima citados fazem referência ao efeito purificador (catártico), analisado por Bruhns (2003).

Quanto ao terceiro indicador, motivos para a prática do *caving*, verificou-se que os motivos relatados foram: **lazer** e a **emoção, em função da aventura, do risco, do novo, do desconhecido e do confinamento**.

O lazer em ambiente de caverna, por meio da prática do *caving*, é considerado, pelos integrantes do EPL, como uma atividade prazerosa de final de semana, como uma ótima dose de combate ao estresse.

Na verdade, a caverna é um lugar habitado, lugar para se habitar vida, lugar de ciência, **lugar de lazer**, lugar de cultura. A caverna é um lugar de sacralização de idéias. É um lugar de socialidade, de sociabilidade. É um lugar de confraternização mesmo. A caverna é o lugar do homem. A caverna é um lugar de magia. É um lugar de magia interessante. A caverna é um lugar mágico, porque os olhos das pessoas brilham no escuro como agulhas de Gipsítas. Eles ficam meio fascinados, eles ficam meio assustados, principalmente quando se apagam as luzes dentro da caverna. Eles ficam extasiados. A caverna é um lugar de êxtase também. [...] Ela é natural, talvez ela seja natural ao extremo, a ponto de se fazer quem entrar dentro dela de enxergar a sua própria naturalidade. Eu acho que isso é mais importante. O papel da caverna na formação do ser humano é uma coisa mágica mesmo. Só indo para perceber isso. É um ambiente de paz. É um ambiente de reflexão, um ambiente de transformação humanística, de valorização cultural, valorização histórica, de percepção da vida, de conhecimento científico in natura, de pragmatismo, de socialização, de troca de experiência, de fluxo e troca de energias, de valorização ambiental e de conhecimento da nossa própria natureza. [...] Ambiente de reflexão, religiosidade, misticismo, espiritualidade. Acho que é um bom lugar para refletir sobre a vida, um bom lugar para se refletir sobre nós mesmos. (Sujeito 04) (grifo nosso)

O significado atribuído à caverna como lazer, pode ser analisado na perspectiva da qualidade de vida, como uma das dimensões da vida humana, no âmbito individual e coletivo (CARVALHO, 2005). Por outro lado, ampliando mais essa discussão, o significado também pode ser entendido como uma nova perspectiva no âmbito do lazer, no sentido da busca da melhoria da qualidade existencial (TAHARA E SCHWARTZ, 2003).

No ambiente de caverna, as sensações e emoções podem ser reconhecidas como o risco, a aventura, o medo, o prazer, o belo, o novo, o desconhecido, a descoberta e o confinamento.

Moraes e Oliveira (2006) admitem que os esportes na natureza proporcionam sensações, emoções e percepções bastante diversas das presentes no cotidiano, possibilitando dar vazões às angústias, aos medos, aos preconceitos desenvolvidos cultural e socialmente.

Os depoimentos dos sujeitos 08 e 10 evidenciam a presença das sensações e das emoções no *caving*. Para o sujeito 10, essas manifestações corporais foram percebidas, quando visitou a Lapa D'água:

Toda nova experiência é realmente única. [...] fiquei com medo. Eu nunca tive medo [...], o chão fez ruir [...] tal era o volume de água, [...] cada vez que a gente chega à caverna, modifica tudo, a sua percepção tá um pouquinho mais refinada, a caverna tá mais madura [...]. A cada pessoa que soma, você percebe como ela interage [...]. É uma história bonita, a gente poderia considerar um ser vivente. [...] nós somos como célula desse ser. A caverna me deixa muito excitado, de alguma forma. Então vêm estas

questões da excitação, um pouco de medo e prazer. Tudo é multifacetado. É uma “emoção multifacetada” [...]. (sujeito 10)

O sujeito 10 caracteriza a emoção como multifacetada, constituída de medo e de prazer. Nessa concepção de emoção multifacetada, paradoxalmente, o medo e a prazer dividem o mesmo espaço, sem que uma emoção anule a outra.

O sujeito 08 também associa o medo ao prazer, quando visita uma caverna:

[...] No início, é medo, enquanto você não conhece. Quando você começa frequentar uma caverna, você tem a sensação de medo, mas, ao mesmo tempo, tem essa sensação de vontade de conhecer aquilo que é diferente e esse mistério que envolve o ambiente cavernícola. Depois o prazer de tá ali [caverna] É renovador. Depois que você visita uma caverna, você se recicla mesmo. A energia sua é diferente. Você fica mais tranquilo. Você se desestressa. Então essa sensação de tranquilidade, ela vem com o tempo na verdade, porque no início, a sensação de aventura é maior. Ela acaba sobrepondo, você não consegue perceber esse outro lado mais tranquilo da caverna. (sujeito 08)

Moraes e Oliveira (2006), ao referir-se à emoção, afirma que todos conhecem a emoção, apesar de não conseguirem explicá-la. Ninguém é capaz de entendê-la, mas somente experienciá-la, de senti-la.

Há uma aproximação entre a opinião desses autores e os relatos dos sujeitos 03 e 10, que reiteram a presença da emoção no *caving*.

Segundo o sujeito 03:

Quando se entra numa caverna, você se imbuí de uma energia, de uma força. Você se sente. É um pouco inexplicável a sensação, mas a caverna, ela te dá aquela imagem do potencial, do grande poder, da grandiosidade da natureza, da própria terra, da água que foi capaz de esculpir ela. Até mesmo nas suas entranhas, uma beleza única que não se encontra em lugar algum. Na caverna, você encontra isso. Você encontra paz. Você encontra sutileza. A caverna, ela te dá uma sensação justamente do contrário do que existe hoje no dia-dia, esse corre-corre, essa correria, afazeres. Dentro da caverna, você se sente seguro, às vezes, mesmo assim, medo do que você ainda não conhece, do desconhecido. A partir do momento que você começa explorar um pouco, você se sente parte pertencente àquele ambiente. É como se você renovasse as suas forças. Só estando na caverna para sentir. Não dá para explicar. A caverna é isso, magia.



Figura 14: Lapa Claudina - Emoção

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Marilda T. Mendes, 2007.

O sujeito 02, integrante do EPL, ao refletir sobre o *caving*, afirma que as sensações e emoções advindas dessa atividade são diferentes do montanhismo, conforme ilustra o depoimento:

As sensações do corpo diante desse tipo de ambiente são muito parecidas com o montanhismo. Entretanto, o escuro, o isolamento e o confinamento possibilitam outra relação com o corpo e suas reações instintivas e treinadas. Em todos os momentos e, nas situações de estresse provocadas pelo risco, todos os sentidos são solicitados. O desconhecido, o perigo e a ânsia da descoberta criam um turbilhão de sensações e emoções. No dia-a-dia, isso significa profundas mudanças na vida e no cotidiano dos praticantes. Essas mudanças, sempre positivas, não são percebidas pela maioria das pessoas. A proximidade com o desconhecido e com os riscos aguçam os sentidos, tornando o praticante uma pessoa mais forte, moldada pela natureza, pelo instinto ágil e pelo raciocínio lógico. A emoção no montanhismo é diferente da espeleologia (*caving*). A emoção no ambiente de caverna está associada à beleza do ambiente cavernícola, por

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1.21 cm, Espaçamento entre linhas: 1.5 linhas



Figura 15: Salão perdido da Lapa Claudina
Fonte: Arquivo pessoal de Eduardo Gomes, 2006.

Nos depoimentos dos sujeitos citados, pode-se destacar a ênfase dada à ocorrência de emoções, com significado positivo. O elemento emocional bastante enfatizado pelos integrantes caracteriza o prazer. O prazer é também associado ao belo, ao risco, à aventura, ao medo, ao perigo, aos obstáculos, ao desconhecido, ao bem-estar corporal e à tranquilidade, durante a prática do *caving*, considerado como benefício pessoal pelos praticantes do *caving*.

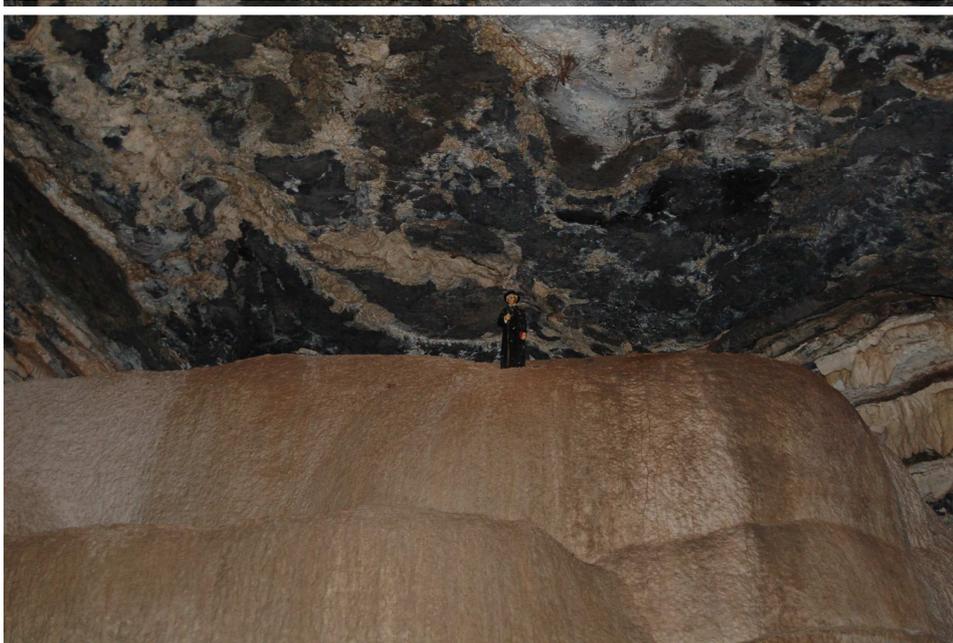
Moraes e Oliveira (2006), em seu estudo sobre emoções em situações de risco no alpinismo de alto nível, constataram que o alpinismo é um esporte que proporciona uma gama de emoções e de elevada intensidade. Esses autores admitem que os elementos encontrados na emoção são: medo, raiva, ansiedade e preocupação, sensações de liberdade, poder, prazer, superação, vitória, auto-realização, recompensa pelo esforço e solidariedade. Para esses autores, os enfrentamentos de desafios que ocorrem na escalada é que definem a emoção de chegar ao cume.

Quanto à análise do quarto indicador, alguns depoimentos dos integrantes do Espeleogrupo Peter Lund evidenciam uma reflexão sobre a **religiosidade**, vinculada à caverna. O ambiente cavernícola pode representar a possibilidade de um encontro mais profundo do ser humano com a sua própria existência e com Deus, conforme ilustra o depoimento abaixo:

[...] Então, a minha relação de defesa do meio ambiente surgiu com a prática da espeleologia e do cavar. No momento em que eu estou fazendo uma visita numa caverna é um momento místico para mim. É uma **oração**. [...] eu estou mais próximo de Deus. Eu procuro tá mais em silêncio, mais contemplativa mesmo, para buscar esse contato mais próximo, porque, se não, você perde essa oportunidade de tá relacionando com a natureza, não simplesmente por estar ali, porque é um lugar diferente. Ali as coisas estão equilibradas, pelo menos mais equilibradas que na cidade. Quando você está em um ambiente desse, você tem condição de estar equilibrando também.
(Sujeito 08) (grifo nosso)

A visita à caverna, para alguns integrantes do EPL, é uma espécie de ritual religioso, místico, o qual põe em sintonia o humano e o divino, principalmente no que concerne ao mistério e à contemplação. O sujeito 08 relata um estado de introspecção e harmonia, vivenciado em poucos momentos e lugares, em especial a caverna.

Benoist (1977), os ritos fazem parte da existência humana, desde os tempos primitivos, admitindo que um significado de extrema importância para os sujeitos que os praticam. Esses ritos representam determinadas formas de religiosidade¹⁵, valorizando a existência humana. Cada cultura cria os seus rituais. Essas manifestações são particularmente constituídas de acordo com o modo de pensar e de agir, vinculadas a valores e crenças, compondo uma determinada época histórica. São compartilhadas pelos sujeitos no seu cotidiano.



Fonte: Arquivo pessoal da FIOA. Mariana I. Mendes, 2007.

Dando prosseguimento à discussão sobre a religiosidade, a concepção de qualidade de vida, proposta por Ferrans e Powers (1993), inclui a religião como um aspecto importante para a qualidade de vida.

¹⁵ Refere-se a algo sagrado, porém não está relacionado ao culto de religiões.

Quanto ao quinto indicador, sentidos corporais presentes no *caving*, os resultados encontrados mostram o ganho dos **sentidos corporais** como mais intensidade e qualidade.

Munster (2002), em seu trabalho, analisou as manifestações emergentes, a partir das relações entre o corpo e a natureza, durante visitas às cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR, com portadores de deficiência visual e de pouca visão e, também, professores e alunos do curso de graduação e pós-graduação em Educação Física. A autora demonstra que a parceria com a natureza pode consistir em um elemento importante no processo de descoberta do corpo e da natureza, favorecendo às pessoas portadoras de deficiência visual a exploração do seu potencial sensorial, com mais intensidade e qualidade, de forma que possam compensar a falta do sentido visual. Esse estudo evidencia que a relação ser humano/natureza pode proporcionar o surgimento dos sentidos corporais, por meio dos esportes na natureza.

Ao analisar os depoimentos dos integrantes do EPL sobre os sentidos corporais, foi observado indícios de manifestações corporais. Há uma aproximação entre esses resultados e os encontrados por Munster (2002).

Os depoimentos dos integrantes do EPL mostram que durante a prática do *caving*, os sentidos corporais manifestam-se, conforme ilustram os relatos abaixo:

O sujeito 04 destaca o ganho de todos os sentidos corporais, com mais qualidade e intensidade, durante a prática do *caving*:

É **um ganho** interessante de **todos os sentidos**. Eles passam a ficar em alerta devido à escuridão. [...] O **tato**, a gente, é aquela história. O contato com as rochas, com as formações, a orientação que a gente procura trabalhar com as pessoas que visita a caverna, justamente as questões das formações. Elas não podem ser tocadas. Isso gera um impacto. Muitas vezes quebram, acontece de quebrar um espeleotema, acontece de quebrar um espeleotema muito grande, mas com a rocha esse contato é muito interessante, sim. O **olfato** é em função das ocorrências que a gente consegue perceber isso muito claramente. Quando você aproxima do ambiente habitado por morcego, principalmente em função do guano¹⁶, que libera um odor, facilmente é perceptível. A **visão** passa a ter um papel fundamental nessa história toda, mas não é a condição básica para a visitação na caverna. A gente poderia imaginar que pessoas com deficiência visual poderiam perfeitamente visitar caverna com orientação devida e tá observando de forma diferente. O próprio tato ajudaria nisso. Então a visão, ela não é uma condição essencial para se visitar uma caverna não, mas ela acaba gerando fascínio com as formações espeleotemáticas que podem ser tocadas. Eu acho que, na verdade, são múltiplas percepções que acabam sendo desencadeadas, passíveis de até gerar uma confusão mental. É muita coisa para se observar. É muita atenção para se dispersar, muito cuidado precisa ter. Então, é como os escoteiros sempre em alerta (sic!). Então as múltiplas percepções, elas

¹⁶ Fezes de morcego.

fluem na caverna, tem n situações. Eu não saberia elencar todas aqui. Cada caverna é uma situação diferente. Cada passo dado dentro de uma caverna é uma situação diferente. Então, a cada passo dado, é uma nova percepção, é uma nova demanda [...]. (sujeito 04) (grifo nosso)

O sujeito 01 faz considerações importantes sobre a utilização e a importância de vários sentidos corporais (tato, olfato e visão) presentes na prática do *caving*.

Na aventura, é o resgate da percepção do **tato, olfato, visão** e outros. Sentidos que são pouco lembrados ou percebidos em nosso cotidiano, tornam aguçados dentro de nós. Lá [na caverna], você sente e se sente de forma diferente. O cardíaco chega ao limite extremo, o sangue pulsa nas veias que marcam a pele suada e às vezes fria. Os lábios molhados pela água do cantil, logo estão secos e a garganta arranha sem falar. A tão falada adrenalina te toma. O tremor pelo medo e o cansaço às vezes é inevitável. Sua respiração acelera e desacelera tão rápido quanto um raio e você não consegue entender e controlar. É na aventura que seu espírito de consciência amplia. (sujeito 01) (grifo nosso)

O sujeito 01 destaca a presença marcante do sentido vestibular¹⁷, na prática do *caving*. Esse sentido na perspectiva desse integrante do EPL, auxilia na manutenção do equilíbrio corporal:

Talvez o sentido mais **perceptivo** seja o sentido **vestibular**, porque o sentido vestibular faz com que você pode está o tempo todo [...] ajudando manter o equilíbrio emocional juntamente com o físico, porque quando o cansaço chega, você tem que está equilibrando a sua energia para conseguir, como eu disse anterior, chegar no momento nos objetivos específicos. [...] o *caving* ou cavernar na verdade vai aguçar essas percepções, e a gente também traz isso para o mundo externo, ou seja, fora da caverna nas nossas práticas diárias. (sujeito 01) (grifo nosso)

O sujeito 01 relata a sua experiência no montanhismo e a compara com o *caving*. Para ele, o esporte proporciona ao praticante um ganho de percepções:

[...] atividades como o montanhismo, porque não querendo já qualificar o melhor, mais porque, na caverna, você **ganha percepções** entre aspas, eliminando outras, como, por exemplo, a visão. Enquanto no meio externo você tem 100% de visão, então você passa a ter uma relação muito mais íntima com a natureza, para conseguir manter o seu planejamento e os seus objetivos. (sujeito 01) (grifo nosso)

¹⁷ Sentido Vestibular: “É caracterizado como sentido do equilíbrio. O sistema vestibular provê o sentido do equilíbrio e a informação sobre a posição do corpo que permite movimentos compensatórios rápidos em resposta tanto a forças geradas externamente quanto a forças induzidas.”. É o sentido relacionado com a orientação do corpo no espaço, é o órgão responsável pela manutenção do equilíbrio corporal, que se localiza na parte auditiva do ouvido interno, captando a sensação de equilíbrio. É responsável pela vertigem das alturas, quando se observa um precipício. (BARTLEY, 1969).

O sujeito 02 destaca a importância dos sentidos, na prática do *caving*. Em conformidade com esse integrante do EPL, no *caving*, desenvolve-se mais experiência sensorial do que no montanhismo:

Na caverna, a **experiência sensorial** é muito **mais desenvolvida** em relação ao montanhista. O montanhista tem a altura, tem a sensação de espaço, mas o espeleólogo tem essas mesmas sensações: altura, espaço, só que num ambiente escuro. Essa experiência dá outra perspectiva na sua vida. (sujeito 01) (grifo nosso)

Segundo o sujeito 02, o medo geralmente está presente em situações novas e, principalmente, para o iniciante na atividade. Paradoxalmente, medo e prazer dividem o mesmo espaço. São elementos que se encontram indissociáveis do *caving* e se mostram de maneira maior ou não, dependendo de fatores, como: responsabilidade colocada para a prática, segurança dos equipamentos, experiências e alterações ambientais.

O sujeito 01 faz uma relação dos sentidos corporais utilizados durante a prática do *caving*. Para esse integrante do EPL, no *caving*, utilizam-se, respectivamente, visão e o tato:

Só fazendo um paralelo. Como a gente se alimenta? Primeiro, a gente alimenta pelo olfato, depois pela visão e depois você vai degustar. Então, na caverna, a gente pode fazer essa comparação. Na caverna, é primeiro com os olhos, depois eu vou tocar e depois eu vou ultrapassar obstáculo. E aí a gente também pode retornar com descanso, repensar a caverna [...]. (sujeito 01)

O estudo de Bruhns (1997b) reforça a discussão sobre os sentidos corporais. A autora acrescenta que entendimentos, sentimentos e sentidos se manifestam paralelamente no corpo humano, interagindo com a natureza. Essa autora destaca que o corpo humano, como esquema hierarquicamente organizado, encontra-se impregnado “com valores resultantes de funções fisiológicas carregadas de emoção e de experiências sociais íntimas”. Nessa hierarquia, na qual o entendimento é o conhecimento do seu próprio corpo, ao mesmo tempo em que o sentimento está imbuído de emoção. Os sentidos corporais emergem dessa interação, podendo trazer manifestações ricas a cada experiência.

Bruhns (2003) admite que, nos esportes de aventura, “buscam-se literalmente um mergulho na natureza”, o que pode causar uma “emoção à flor-da-pele”, experimentando a aventura imaginada ou captando-a, por meio de todos os poros, absorvendo o impacto visual com o corpo inteiro. A autora destaca que o exercício dos sentidos, como “ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores”, faz parte de um conjunto intenso em que a tatilidade agora é representada pelo corpo como um todo, o qual “toca a

Formatado: Espaçamento entre linhas:
1.5 linhas

natureza” e por ela é tocado. A pele não mais separa, não há limite. É uma fronteira, uma superfície porosa de troca entre o que capta e o que extravasa.

Os sentidos corporais estão muito presentes no *caving*. A partir dessa prática, é possível pensar novas formas de perceber o corpo, a natureza e as relações de alteridade. O aumento da acuidade sensorial possibilita uma nova forma de o ser humano relacionar-se com o mundo, consigo próprio e com o meio ambiente.

5 CONCLUSÃO

Neste estudo, buscou-se compreender quais são as contribuições do *caving* na melhoria da qualidade de vida, para os integrantes do Espeleogrupo Peter Lund. Em relação aos benefícios do *caving* na melhoria da qualidade de vida, destacaram-se: os sentidos corporais; a existência de um cansaço bom; a paz, a tranquilidade, a harmonia, o lazer, a sociabilidade, a religião e a emoção. A prática do *caving*, para esse grupo, implica na melhoria da qualidade de vida.

As atividades realizadas em ambiente de caverna, por meio da aventura, possibilitam ao praticante vivenciar situações, proporcionando ao corpo prazer, considerado pelos integrantes do EPL, uma espécie de cansaço bom, que na visão de Bruhns (2003), pode ser concebido como um efeito purificador catártico, conduzindo ao bem-estar, à leveza e à alegria corporal.

Evidenciou-se, nas entrevistas realizadas, a presença significativa dos sentidos corporais na prática do *caving*. Segundo os relatos dos integrantes do EPL, há nessa prática um ganho de todos os sentidos corporais com mais qualidade e intensidade; a experiência sensorial é muito mais desenvolvida nela do que em outros ambientes.

A harmonia, a tranquilidade e a paz também foram destacadas como benefícios para a melhoria da qualidade de vida. Segundo alguns depoimentos, esses benefícios podem ser percebidos por meio das relações estabelecidas entre os próprios integrantes do EPL, entre eles e o ambiente cavernícola. Essas relações são permeadas pela emoção e pelo convívio social.

Outro benefício importante destacado foi à sociabilidade, decorrente da prática do *caving*, percebidos nos momentos de solidariedade, que proporcionam a criação de laços afetivos e a interação grupal entre os integrantes do EPL. Na visão dos integrantes do EPL, a caverna representa convívio e boas relações com o universo ambiental e com o próprio ser humano.

No que refere-se à sociabilidade, na prática do *caving*, pode-se afirmar que este estudo corrobora Munster (2004), ao referir à prática do *caving*, onde prevalece o espírito de interação com o grupo e com o meio natural.

Vale destacar, ainda, a presença da religião como um dos benefícios para a melhoria da qualidade de vida. Nesse contexto, a religião apareceu por meio dos sentimentos e percepções relacionadas à caverna, revelados a partir dos depoimentos dos integrantes do EPL, quando

fazem referência a um contato mais íntimo com a própria existência humana e a caverna. Esse benefício pode ser compreendido com uma nova forma de perceber o ambiente cavernícola e interagir com ele, por meio do *caving*.

Dentre outros benefícios encontrados nos depoimentos dos integrantes do EPL, destacaram-se as emoções e as sensações. Os integrantes referiram-se às emoções e às sensações como o belo, o medo, o prazer, o risco e a aventura. Foi possível perceber que os obstáculos do ambiente cavernícola e a beleza da caverna, por meio das ornamentações de seus espeleotemas, funcionam como mecanismo para ativar essas emoções. Nesse sentido, falar das emoções é falar de encontro e de reencontros, de descoberta e de redescobertas, de sensibilidade e, principalmente, de responsabilidade para com o ambiente cavernícola.

Outro aspecto relevante destacado foi o lazer como benefício para a melhoria da qualidade de vida. O lazer, por meio da prática do *caving*, enquanto considerado, pelos entrevistados, como uma atividade prazerosa de final de semana, como uma ótima dose de combate ao estresse, principalmente quando realizado em grupos. Cria e proporciona ao praticante do *caving* um melhor relacionamento inter-pessoal, conforme evidenciam os depoimentos.

Como perspectiva para a realização de estudos futuros, o *caving* pode constituir-se em um relevante campo acadêmico nas dimensões do lazer, do turismo e, principalmente, das relações sociais, tornando-se um tema promissor para esse estudo. A produção acadêmico-científica envolvendo experiências em atividades de aventura, em integração com ambientes cavernícolas e a sua conseqüente análise é pouco significativa, no âmbito da prática de aventura na natureza. Por isso, é importante a necessidade de estudos e de incentivo para a realização de novas pesquisas em atividades cavernícolas.

Talvez, em uma próxima “incursão” a uma caverna, em um próximo “rapel” ao abismo, em uma próxima “escalada” acadêmica, haja a oportunidade e a “energia” necessária para tratar com propriedade as questões que se abrem e, também, percorrer novos “salões” e “galerias” desse maravilhoso mundo subterrâneo, que é a caverna.

Constituíram-se como elementos limitadores para a realização deste estudo:

- a existência de poucos estudos no Brasil sobre o tema escolhido;
- as características peculiares do ambiente cavernícola, que dificultaram a observação participante, por meio do diário de campo, sendo substituído pelo gravador;

- o período de estiagens na região do Norte de Minas Gerais, que contribuiu para a redução do número de visitas às cavernas, devido à grande incidência de carrapatos nessa época;

- o fato de as cavernas estarem molhadas. Às vezes, não era permitido o uso do gravador. As anotações ocorriam depois da saída da caverna, fazendo com que alguns detalhes se perdessem;

- a baixa tecnologia dos equipamentos para a coleta de dados;

- o cumprimento parcial do cronograma inicialmente previsto, por várias razões;

- a pouca disponibilidade de alguns integrantes do EPL, na concessão de entrevistas.

Formatado: Recuo: À esquerda: 1.74 cm

No *caving*, utiliza-se o corpo como uma nova forma do homem relacionar-se com o meio ambiente e consigo mesmo. É uma espécie de linguagem, de diálogo, de comunicação.

Os integrantes do EPL utilizam o termo de cavernar, entendido por eles como uma atividade multidisciplinar, que tem o homem como relação maior de valorização e preservação do ambiente cavernícola. O cavernar, enquanto atividade prática, é uma “atividade prazerosa, que promove um diálogo com as energias existentes no ambiente cavernícola. O cavernar é muito mais do que espeleologia como prática esportiva ou pesquisa. O cavernar estabelece relações sociais, trocas de experiências espiritual e religiosa”.

~~Constituíram-se como elementos limitadores para a realização deste estudo:~~

~~- a existência de poucos estudos no Brasil sobre o tema escolhido;~~

~~- as características peculiares do ambiente cavernícola, que dificultaram a observação participante, por meio do diário de campo, sendo substituído pelo gravador;~~

~~- o período de estiagens na região do Norte de Minas Gerais, que contribuiu para a redução do número de visitas às cavernas, devido à grande incidência de carrapatos nessa época;~~

~~- o fato de as cavernas estarem molhadas. Às vezes, não era permitido o uso do gravador. As anotações ocorriam depois da saída da caverna, fazendo com que alguns detalhes se perdessem;~~

~~- a baixa tecnologia dos equipamentos para a coleta de dados;~~

~~- o cumprimento parcial do cronograma inicialmente previsto, por várias razões;~~

~~- a pouca disponibilidade de alguns integrantes do EPL, na concessão de entrevistas.~~

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B.; TRAVASSOS, L. E. P. **A percepção geográfica cárstica como instrumento de preservação.** Revista de Biologia e Ciências da Terra. v.1, n. 1, 2001. Disponível em: < www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/carste.pdf >. Acesso em: 17 out. 2007.

ASSUMPÇÃO, L. O. MORAIS, P. P. FONTOURA, H. **Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida.** Notas Introdutórias. Lecturas: Educación Física y Deportes Revista Digital, Buenos Aires, ano 8, n. 52, set. 2002. Disponível em: <http://efdeportes.com> . Acesso: 22 ago. 2005.

ASSIS, E. G. **Curso básico de introdução à espeleologia.** Montes Claros, 2003. (Apostila elaborada pelo Espeleogrupo Peter Lund – EPL de Montes Claros-MG).

AYUB, S. BECKER, J. H. **Estudo do meio em cavernas como ferramenta na educação ambiental e de que maneira este estudo é realizado no Brasil.** Disponível em: <<http://www.akakor.com>>. Acesso em: 22 nov. de 2007.

AULLER, A. BRANDI, E. RUBBIOLI, E. **As grandes cavernas do Brasil.** Belo Horizonte: A. Auler, 2001.

Formatado: Espaçamento entre linhas: 1.5 linhas

Formatado: Recuo: À esquerda: 0 cm, Primeira linha: 0 cm

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARTLEY, S. H. **Principios de Percepción**. México: Editorial Trillas, 1969.

BECK, S. **Ratos de caverna**. São Paulo: [s.n], 1999.

BENOIST, L. **Signos e mitos**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

BERESFORD, H. **Valor saiba o que é**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

BOTH, J.; MALAVASI, L. M. **Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, ano 10, n. 89, out. 2005. Disponível em: <<http://efdeportes.com>>. Acesso em: 20 abr. de 2006.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997a.

_____. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo.; BRUHNS, Heloisa Turini (Orgs.). **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus, 1997b.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: a natureza com espaço de experiência. **Revista Conexões**: Educação, Esporte e Lazer. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, n. 3, p. 7-26, 1999.

_____. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A; BRUHNS, H. T. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

BRUYNE, P.; HERAMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUENO, C. **Espeleologia entenda tudo sobre este esporte**. 04 jun. de 2007

Disponível:

<<http://360graus.terra.com.br/caving/default.asp?did=12881&action=reportagem>>. Acesso em: 30 abr. de 2008.

CALISTO, C. S. **O ambiente Como Um Mundo Vivido**: uma do espaço segundo a geografia humanística. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento sustentável). Centro de desenvolvimento sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CAMACHO, A. S. **Las actividades físicas en la naturaleza em las sociedades occidentales de final de siglo**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, ano4, n. 14, p. 1-6, jun.1999. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd14/postmod2.htm>. Acesso em: 18 ago. 2006.

CANDIDO, A. As formas de solidariedade. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001.

Formatado: Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Espaçamento entre linhas: simples

CARNICELLI FILHO, S.; SCHWARTZ, G. M. Instrutores do Rafting: a relação entre a emoção, o trabalho e o lazer. In: **Anais do XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, Porto Alegre, 2005.

CARVALHO, M. **O que é natureza**. 2. ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Y. M. **Lazer e saúde**. Brasília: SESI/DN, 2005.

COSTA, V. L. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

CRATTY, B. **Psicologia no Esporte**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1983.

DAYRELL, J. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. 2004. Disponível em: <www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/textos%5CABA2004.html>. Acesso em: 24 jun. de 2008.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

EXTREMERA, A. B.; EXTREMA, S.B. **Tratamiento didáctico de las actividades físicas organizadas em el medio natural, dentro Del área de educación física**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, ano 9, n. 61, p. 1-6, jun.2003. Disponível em: <www.efdeportes.com/>. Acesso em: 15 nov. 2008.

FERRANS, C. E.; POWERS, M. J. Quality of life of hemodialysis patients. **ANNA - Journal**, v. 20, p.575 – 581, 1993.

FERREIRA, L. F. S. **Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza**. 2003. 151f. (Dissertação). Mestrado em Educação Física na área de Estudos do Lazer -. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2003.

FERNANDES, R. de C. Esportes Radicais: referências para um estudo acadêmico. **Revista Conexões: educação, esporte, lazer**. Campinas, v. 1, n.1,p.96-105, 1998.

GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. Inteligências múltiplas e representações. **Psicologia: teoria e pesquisa**. , v. 18, n. 3, p. 261-266, 2002.

GOULART, Í. B. **Fundamentos psicobiológicos da educação**. São Paulo: Editora Lê, 1986.

GUZZO, Marina. Corpo e Risco. **Revista Athenea**. n. 6, p. 56-65, 2004.

LACRUZ, I.; PERICH, M. **Lás emociones em la practica de lás actividades físicas em la naturaleza**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, ano 5, n. 23, p. 1-5, jul. 2000. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd23/emcnat.htm>. Acesso em: 18 ago. 2006.

LARSEN, P. *Caving*. **Revista Sport Life**. n.68, p. 74, ano. 6, jul. 2007.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LÊ BRET, M. **Maravilhoso Brasil subterrâneo**. Jundiaí: Japi, 1995.

LINO, C. F. **Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo**. São Paulo: Editora Rios, 1989.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor.; TORRES, Lílian de Luca (Orgs.). **Na Metrópole: texto de antropologia urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996

MARINHO, A. **Da Busca pela Natureza aos Ambientes Artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva**. 2001. 122f. Dissertação. (Mestrado em Educação Física na área de Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: MARINHO, Alcyane. ; BRUHNS, Heloísa. (Orgs.). **Turismo, Lazer e Natureza**, São Paulo: Manole, 2003.

_____. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.10, n. 1, 2007.

MARRA, R. J. C. **Espeleo Turismo: planejamento e manejo de cavernas**. Brasília: Editora WD Ambiental, 2001.

MELO, A. I. G.; FARIA, M. F. **Meio Ambiente e Espeleologia: o estudo das cavidades naturais brasileiras**. Disponível em: http://www.mp.sp.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/CAO_URBANISMO_E_MEIO_AMBIENTE/BIBLIOTECA_VIRTUAL/TESES_DE_CONGRESSOS/ESPELEOLOGIA.HTM. Acesso em: 23 dez. 2007.

MENESTRINA, E. **Educação Física e saúde**. 2. ed. Ijuí, Santa Catarina: UNIJUÍ, 2000.

MENEZES, J. de. O prazer de explorar cavernas. **InformATIVO Sociedade Brasileira de Espeleologia**, Campinas, n. 92, p.37, ago. 2006.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, M.C. S; HARTZ, Z.M.A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 1, n. 5, p. 7-18, 2000.

MORAES, L. C.; OLIVEIRA, D. C. Emoções em situações de risco no alpinismo de alto nível. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**. ~~v. 0~~ n. 1, p. 4-21, 2006.

MUNSTER, M. A. V. Visitando as cavernas do PETAR: a experiência do corpo na natureza. In: **Anais ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER**, 14. Santa Cruz do Sul, 2002. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002.

_____. **Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica**. Orientador: José Júlio Gavião de Almeida. 2004. 311f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

MURRAY, E. J. **Motivação e Emoção**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

NAHAS, M. V. Esporte & Qualidade de Vida. **Revista da APEF**. ~~v~~.12, n. 2, p. 61-65, 1997.

PITANGA, F. J. G. **Epidemiologia da Atividade Física, Exercício Físico e Saúde**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2004.

PRADO, A. C. M. O corpo lúdico versus a globalização. **Revista Brasileira de Educação Esporte**, São Paulo, v 20, p. 197-199, set. 2006. Suplemento 5.

PAULA, H. A. de. **Montes Claros: sua história, sua gente, seus costumes**. Montes Claros: [s.n], 1979.

RICHARDSON, J. R. **Pesquisa Social: métodos e técnica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SABA, F. **Mexa-se: Atividade Física, Saúde e Bem-Estar**. São Paulo: Takano, 2003.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEID, E. M. F; ZANNON. C. M. L. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 580 -588, 2004.

SERRANO, C. M. de T. A educação pelas pedras: uma introdução. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000.

SPINK, M. J. Trópico dos discursos sobre riscos: risco aventura como metáfora da modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, n. 6, p. 01-16, 2001.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. **Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, ano 8, n. 58, p. 1-5, mar. 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd58/avent.htm>. Acesso em: 17 jul. 2006.

TAHARA, A. K. **A aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer**. 2004. 96f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Motricidade na área de Pedagogia da Motricidade Humana). Instituto de Biociências Motricidade Humana, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Editora DIFEL, 1985.

VILLAVERDE, S. Refletindo sobre o lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizades. In: MARINHO, Alciane. ; BRUHNS, Heloísa. (Orgs.). **Turismo, Lazer e Natureza**, São Paulo: Manole, 2003.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WHOQOL Group. The World Health Organization Quality of life Assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, v. 41, n. 10, 1995.

Formatado: Português (Brasil)

APÊNDICES

Formatado: Fonte: 12 pt

Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu participarei, como voluntário, do estudo intitulado: “**SER HUMANO/NATUREZA: a contribuição do *caving* na promoção da qualidade de vida**”, e concordo com os aspectos éticos envolvidos. A minha participação dar-se á por meio de fornecimento de informações, por meio de entrevista semi-estruturada, que contribuam para a descrição da relação ser - humano/natureza, por meio da atividade física de aventura na natureza, experienciadas na vivência do cavernar.

Os aspectos éticos referidos para esse estudo são:

- somente registros dos dados permitidos pelo sujeito;

- Uso dos nomes dos voluntários, bem como das pessoas citadas;
- garantia de esclarecimentos, bem como a liberdade de desistência de participação, sem mais esclarecimentos, após informar o pesquisador;
- garantia de acesso aos resultados.

Montes Claros, setembro de 2007.

Assinatura do voluntário

Apêndice B: Roteiro de Entrevista

Roteiro de entrevista semi-estruturada destinado aos integrantes do Espeleogrupo Peter Lund -
EPL

A - Dados Pessoais

Nome:

Idade:

Sexo:

Nível de escolaridade:

Profissão:

B – Questões

1. Há quanto tempo você pratica o *caving*? Em quais momentos e com que frequência essa prática acontece?
2. Por que você pratica o *caving*? Com quais objetivos?
3. Como você descreveria a caverna? O que representa esse ambiente caverna para você?
4. O que chama mais atenção para você dentro da caverna?
5. Como você se relaciona com a natureza por meio da prática do *caving*? E com as outras pessoas, também praticantes?
6. Como você percebe o seu corpo durante o *caving*?
7. Quais os sentidos corporais são utilizados? Em que situação eles são solicitados?
8. O *caving* contribui para melhor realização das suas atividades da vida diária? Como?
9. O que significa o *caving* para você?
10. O Espeleogrupo Peter Lund tem como intenção de intervir no lazer das pessoas que participam das suas atividades, especialmente o *caving*? Como? E sobre a qualidade de vida, há algum propósito?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)